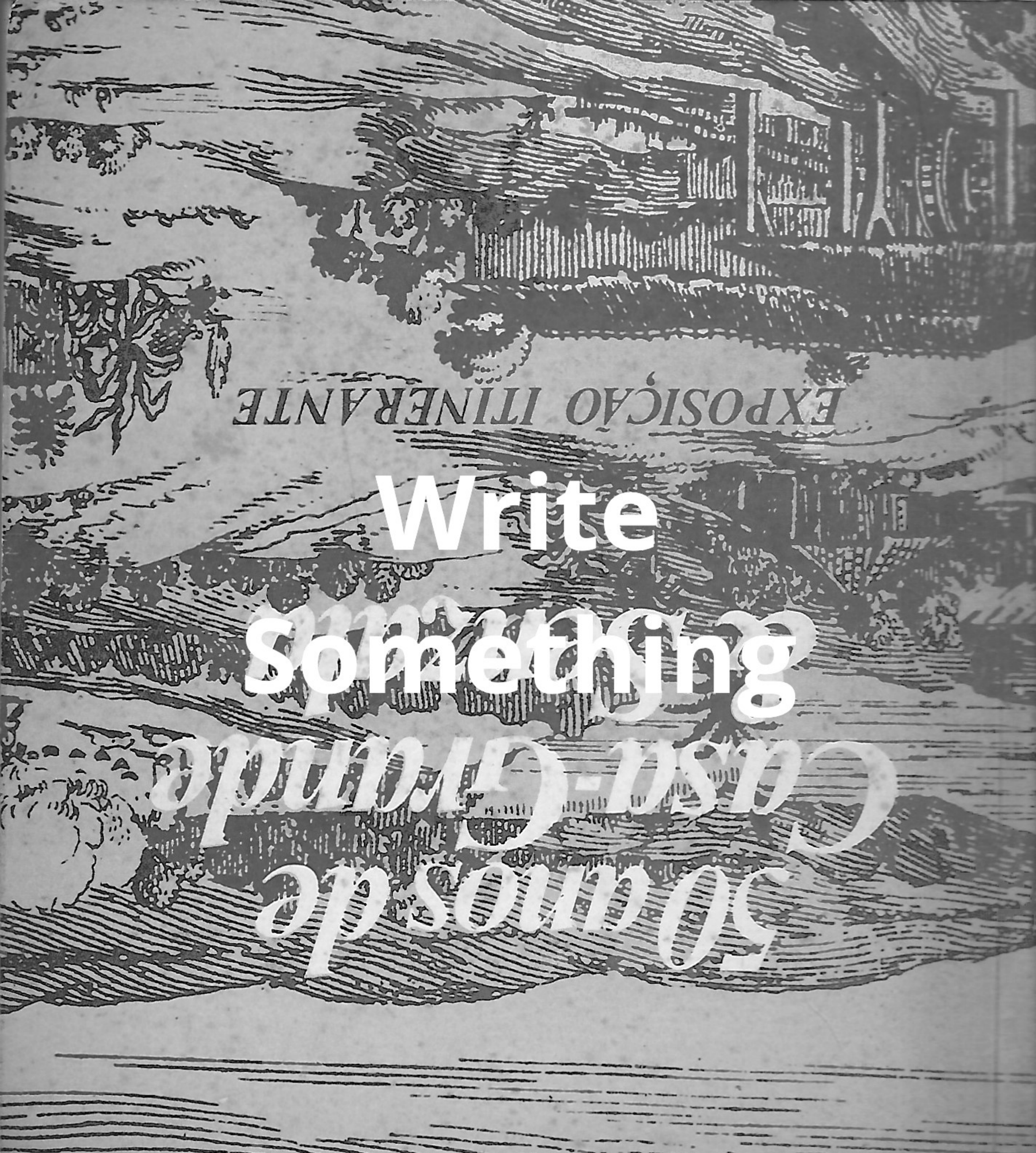

EXPOSIÇÃO ITINERANTE
Write
Something
about this
person

MARIO CHAGAS

50 anos de Casa-Grande & Senzala

EXPOSIÇÃO ITINERANTE

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
EDITORA MASSANGANA
RECIFE – 1983

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral:
Maria Regina Martins B. e Silva

Projeto e Roteiro Museológico:
Mário de Souza Chagas
Carlos Antônio Reis

Seleção Iconográfica e de Textos:
Mário de Souza Chagas
Carlos Antônio Reis
Vânia Dolores Estevam de Oliveira
Cláudia Caetano de Holanda

Museografia:
Cristiana Carvalho
Cláudia Caetano de Holanda
Maria Amélia de Azevedo Couto

Programação Visual e Projeto Gráfico:
Moisés Cruz
Cecília Montenegro (estagiária)

Composição Revisão e Arte:
Editora Massangana

Reprodução Fotográfica:
Josenildo Freire Leitão
Severino Barbosa

Vídeo Tape e Trilha Sonora:
Alexandrino Rocha
Fátima Cabral
Fernando Spencer
Renato Phaelante

Montagem da Exposição:
Carlos Augusto Bezerra Pinto
Fernando Luiz da Silva Lourenço
Mário Rosendo da Silva

Assessoria Especial:
Edson Nery da Fonseca

Capa: Engenho de Açúcar do Século XVII,
ilustração de Frans Post para o livro de Gaspar Barléus,
Rerum per Octennium in Brasilia.

Fundação Joaquim Nabuco
50 anos de casa-grande & senzala; exposição itinerante. Catálogo organizado por Mário Chagas e Carlos Antônio Reis. — Recife: Editora Massangana, 1983.
86 p. il.
Inclui bibliografia.
1. CASA-GRANDE & SENZALA - EXPOSIÇÃO ITINERANTE - CATÁLOGO
I. Chagas, Mário
II. Reis, Carlos Antônio
III. Título

CDU 017:061.46: CASA-GRANDE &SENZALA

"A obra que Capistrano não quis concluir é esta que Gilberto Freyre vai começar".

José Lins do Rego.

PREFÁCIO

É do belga Paul Otlet o mais amplo conceito de documento que se conhece: qualquer mensagem fixada materialmente. Documento, portanto — exemplifica o autor do *Traité de Documentation* — é o livro, a revista, o jornal, a fotografia, o desenho, a pintura, a partitura musical, o filme, o disco, o selo, a medalha, a moeda, a escultura, o móvel, o monumento, o edifício e até as espécies animais, vegetais e minerais, quando classificadas e catalogadas em parques zoo-botânicos e museus de história natural.

Gilberto Freyre valeu-se de todos os tipos de documento, de modo que podemos observar em *Casa-Grande & Senzala,* além do pluralismo de métodos assinalado por Jean Pouillon, um pluralismo documental: obras impressas e manuscritas, letras e partituras de músicas, desenhos e daguerreótipos, fotografias e plantas de edifícios, retratos de pessoas, coisas e animais. E como não havia ainda gravadores-de-som, tornou-se precursor da história oral, anotando o próprio autor depoimentos de senhores e senhoras de engenho, ex-escravos e negras quituteiras, mães-de-santo e babalorixás.

Eis por que *Casa-Grande & Senzala* é um livro não apenas para ler, mas também para ouvir, comer e cheirar como que vicariamente o que os povoadores do Brasil colonial ouviam, comiam e cheiravam, tanto quanto para empaticamente viver, amar e até morrer como eles viviam, amavam e morriam. Parafraseando o que Walt Whitman escreveu de seu livro de poemas, podemos dizer que tocando em *Casa-Grande & Senzala* toca-se na própria alma do povo brasileiro.

Somente assim se explica por que, sem ser obra estritamente literária, *Casa-Grande & Senzala* teve repercussão inédita não apenas na história das ciências, em geral, e das ciências sociais, em particular, mas na própria história da literatura, da pintura e da música. Paráfrases são comuns tanto em literatura como em música e pintura, bastando lembrar os contos dos irmãos Charles e Mary Lamb inspirados em peças de Shakespeare, ou o quadro *Le déjeuner sur l'herbe,* de Edouard Manet — que já era uma transposição moderna do *Concerto campestre* de Giorgione — posteriormente recriado por Picasso; ou as variações de Brahms sobre um tema de Haydn. São igualmente conhecidas as adaptações de obras literárias ao teatro e ao cinema. E da *Divina Comédia* sabe-se que inspirou tanto obras pictóricas como toda uma sinfonia e uma sonata inteira de Liszt.

Nunca, porém, uma obra literária, pictórica ou musical teve repercussão tão extensa e variada quanto *Casa-Grande & Senzala:* repercussão na poesia de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Marcus Accioly; no teatro de José Carlos Cavalcanti Borges; na ficção de Jacques e François Gall; no cinema de Geraldo Sarno; na música de Lourenço Barbosa (Capiba); na pintura de Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres e Wellington Virgolino; na história-em-quadrinhos de Estêvão Pinto e Ivan Wasth Rodrigues; na fotografia de Luiz Bronzeado; no enredo da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira para o Carnaval de 1962; e até em nomes de iniciativas empresariais — como a do Hotel *Casa-Grande & Senzala,* na praia de Boa Viagem — e imobiliárias, como a dos edifícios de apartamentos Casa-Grande de Sant' Anna e Senzala, no bairro de Casa Forte.

Agora *Casa-Grande & Senzala* é também exposição: uma exposição que amplia de modo considerável a que Abelardo Rodrigues montou no salão nobre do Teatro Santa Isabel do Recife, em 1963, para comemorar o 30o. aniversário da primeira edição da obra de Gilberto Freyre. Naquela ocasião foram reunidos móveis, quadros, roupas, jóias e outros objetos, organizados com a sensibilidade que caracterizava o saudoso colecionador pernambucano.

O caráter itinerante da exposição comemorativa

do cinqüentenário, cujo catálogo tenho a honra de prefaciar, impôs a redução das espécies bibliográficas e museográficas a imagens bidimensionais , o que foi feito com perícia e arte pela equipe dos Departamentos de Museologia e de Iconografia do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco, sob a esclarecida orientação de Maria Regina Batista e Silva e Mário de Souza Chagas. E assim transformada em exposição, *Casa-Grande & Senzala* inicia nova etapa de sua existência, marcada por consagrações nacionais e internacionais tão múltiplas quanto as perspectivas científicas, as inovações lingüísticas e estilísticas, os métodos e a documentação de Gilberto Freyre.

Edson Nery da Fonsec

PRESENTAÇÃO

A obra que Gilberto Freyre começou e — visoriamente — concluiu,[1] como bem assinala eu biógrafo Edson Nery da Fonseca, é esta que nsportamos para uma linguagem didático-museo- gica.

Realizar este transporte — ou mais precisamente a adaptação — de obra tão rica, tão vasta, tão re de amarras e preconceitos, é tarefa ousada e, mesmo tempo, desafiadora. O desafio foi aceito. aceito principalmente em virtude de seu caráter mênico, já identificado por Gilberto Amado, de "não só o homem de ciência especializado, mo o poeta e o artista encontram minho . . ." [2]

Em certa medida, o trabalho da equipe do partamento de Museologia foi semelhante ao de cineasta que resolvesse transformar *Casa-Grande & Senzala* em filme. A partir de um projeto seológico, trabalhado coletivamente, elaboramos roteiro de exposição e definimos o partido seográfico a ser adotado. Em seguida iniciamos leta e a seleção de documentos/imagens que duzissem, da melhor forma possível, as luências e os antecedentes remotos de *Grande & Senzala,* o conteúdo histórico- ológico do livro, a sua história bibliográfica, comportamento da crítica nacional e rnacional, e a consagração da obra neste meio lo de existência. A diferença é que não eramos com imagens cinéticas, e sim estáticas, e ganham movimento no interior do espectador.

A exposição é apenas um ponto de referência e verá ser completada pelo próprio livro, portanto não dispensa a leitura de *Casa-Grande & Senzala,* antes porém, exige-a.

Os viajantes europeus, litógrafos e fotógrafos principalmente, foram a nossa ponte entre O LIVRO e O TEMPO — "um tempo necessariamente transcronológico", [3] como diria Eduardo Portela — daí o uso proposital da iconografia de Jean-Baptiste Debret, Maurice Rugendas, Luiz Schlappriz, James Henderson, Victor Frond, entre outros.

Na tentativa de nos mantermos fiéis ao livro, reproduzimos basicamente, salvo exceções, todas as ilustrações que acompanharam as diversas edições de *Casa-Grande & Senzala.* Ilustrações de Cícero Dias, Tomás Santa Rosa, Lula Cardoso Ayres, Maria Carmem e Poty.

Como um complemento deste material, utilizamos também a iconografia do próprio autor — tão rica quanto sua obra — valorizada ainda mais pelo registro fotográfico de amigos, o que de certa forma traduz um dos traços marcantes de sua personalidade jovial e comunicativa: O prazer da amizade. É ele próprio quem diz: "Eu sempre fui um homem de muitos amigos".

Entre representação plástica e texto, nesta exposição, há uma relação simbiótica. A imagem conduz ao texto; e a linguagem poética, intimista, rítmica e musical de Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala,* sugere outras imagens, tão expressivas, tão vivas, tão ricas em detalhes que fixá-las em um suporte qualquer seria limitar o vôo da criação.

FONSECA, Edson Nery da. *Um livro completa meio século.* Recife, Editora Massangana, 1983. p. 94.

AMADO, Gilberto et alii. Gilberto Freyre: *sua ciência, sua filosofia, sua arte;* ensaios sobre o autor de Casa-grande & senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25o. aniversário da publicação desse livro. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. p. 5.

3) PORTELA, Eduardo. *O livro e o tempo.* In: Freyre, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981, p. IX-X.

Casa-Grande & Senzala, por esta força criativa, é obra aberta, e a prova é que vem sendo adaptada para outras linguagens como o teatro, a dança, a música e numa das suas formas mais populares, para ehredo de Escola de Samba e Clubes Carnavalescos. Tudo isso é uma evidência da consagração de *Casa-Grande & Senzala*, confirmada através das edições brasileiras (que ja ultrapassam duas dezenas) e das inúmeras edições estrangeiras.

Não tivemos a pretensão de analisar ou interpretar *Casa-Grande & Senzala,* nem pretendemos falar para o já iniciado nos estudos da "formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal", e sim introduzir o leitor iniciante através de uma linguagem museológica no mundo dialético (sombrio e luminoso) de *Casa-Grande & Senzala.*

Ao término do trabalho temos a perfeita consciência de que ele está, como a própria obra, provisoriamente concluído. E esta perspectiva de continuidade, de possibilidade de enriquecimen e aperfeiçoamento da exposição, é um desafio que se renova, e isto nos transmite novo ânimo.

Maria Regina Martins B. e Silv
Mário de Souza Chag

SUMÁRIO

Pág.

PREFÁCIO 05

APRESENTAÇÃO 07

1. DEPOIMENTOS 11
Jorge Amado. "Casa-Grande & Senzala", uma revolução 14
José Antonio Gonsalves de Mello. Gilberto Freyre: inspirador de gerações 15
José Olympio. Casa-Grande & Senzala e Nós 16

2. A CRÍTICA 17
Darcy Ribeiro, Luís Jardim, Roland Barthes, Asa Briggs, Bertram Wolfe,
Fernando Ortiz, R. Saenz-Hayes, Léopold Séder Senghor 19

3. ACERVO 21
Influências e Antecedentes Remotos 25
O Livro 29
Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária,
escravocrata e híbrida (Capítulo I) 33
O indígena na formação da família brasileira (Capítulo II) 39
O colonizador português: antecedentes e predisposições (Capítulo III) 45
O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (Capítulo IV) 53
O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (Capítulo V) 57
Consagração de Casa-Grande & Senzala 61
Edições brasileiras 62
Edições estrangeiras 64
Escritores e amigos 66
Alguns prêmios e condecorações 67
Adaptações, parafrases, etc. 68

4. BIBLIOCRONOLOGIA 73

5. BIBLIOGRAFIA 77

1

Depoimentos

"Quanto a mim, tenho a esperança de assistir às comemorações do cinqüentenário de Casa-Grande & Senzala *e, velho de mais de 70 anos, deias participar, testemunhar para os jovens o que foi, nos idos de 1933, o lançamento desse livro. Porque penso, sei de um saber sem dúvidas, que assistiremos não apenas a uma festa de âmbito brasileiro, homenagem de um público imensamente maior que o atual, mas a uma festa da cultura mundial, porque então já se terá, no Brasil e fora do Brasil, a medida da importância completa desse livro e de sua significação e de toda a obra de seu autor".*

Jorge Amado (1958).

"CASA-GRANDE & SENZALA", UMA REVOLUÇÃO

Estamos comemorando o cinqüentenário do lançamento em 1933 no Rio de Janeiro por Schmidt Editor da primeira edição de Casa-Grande & Senzala, *- de Gilberto Freyre: desde então o Brasil não é o mesmo de antes, é outro e maior. Tudo que se diga, escreva e faça para que as comemorações estejam à altura do acontecido será pouco. Apenas aqueles que testemunharam a revolução nascida do livro do moço pernambucano — é o meu caso — podem medir a extensão e a grandeza do acontecimento. De repente nós nos sentimos brasileiros e nos entendemos completamente, ficamos conhecendo nosso universo próprio, nossa singularidade, tivemos consciência de nossa condição mestiça e de como tudo sucedeu. Desde então fomos sem a menor dúvida o povo brasileiro, a nação brasileira. Estou exagerando a propósito de um livro entre tantos livros que aqui se publicaram e se publicam a cada dia? Creio que não exagero pois venho pesando e medindo as conseqüências de* Casa-Grande & Senzala *no decorrer de cinqüenta anos de Brasil.*

Seria um erro esquecer livros anteriores, marcos no caminho da compreensão, do entendimento: a obra do mulato baiano Gregório de Matos da qual nascemos todos, o romance Iracema *de José de Alencar e* Os Sertões *de Euclides da Cunha para citar apenas três cumes; outros igualmente importantes existiram na poesia, na ficção, no ensaio:* Casa-Grande & Senzala *é por assim dizer o fruto amadurecido do cruzamento de todas essas árvores. Veio culminar todo o trabalho anterior, as múltiplas visões, a busca, a ânsia de saber e anunciar, as inquietações, as propostas ideológicas, os antagonismos. A grandeza da obra de Gilberto Freyre provém — e muito — do fato de que ele não desejou nem admitiu pertencer a essa ou àquela escola literária, a essa ou àquela facção ideológica, não aceitou nenhum sectarismo, não quis ser mestre ou discípulo de qualquer espécie de seita nem dono da verdade; quis ser apenas brasileiro, escritor brasileiro, cientista brasileiro. Com isso contrariou a muitos, recebeu críticas e desaforos mas seu livro permanece inteiro da primeira à última linha.*

Casa-Grande & Senzala *não foi apenas escrito em brasileiro ou seja no português do Brasil que se enriqueceu e se adoçou na mistura com os dialetos indígenas e com os idiomas africanos; foi pensado em brasileiro, concebido em brasileiro. Pôde assim superar o barroco de outros clássicos e também o açodamento acadêmico do modernismo: num e noutro caso as raízes são quase sempre limitadas e elitistas.*

Eis outra faceta do livro, desse insólito livro de ciência: a escrita admirável, para ser lida e entendida, gostosa e bela, requintada e popular, nascida do talento literário e do conhecimento vivido e não apenas erudito da língua falada pelo povo, poesia e canto, ritmo de ancas de mulata. Assim é a escrita do livro de Gilberto: a seriedade científica, a pesquisa apaixonada, o elaborado conteúdo são servidos por uma qualidade literária insuperável, a ser degustada por qualquer leitor. Sim, por que é necessário repetir o que de fato todos sabem: o autor de Casa-Grande & Senzala *não é apenas um sábio no melhor sentido da palavra, trata-se ao mesmo tempo de um escritor fascinante.*

Chegávamos em 1933 da vitória de uma revolução de caráter nacionalista que tinha entre seus comandantes um escritor de porte incomum, cuja grandeza ainda não foi inteiramente avaliada: José Américo de Almeida. Aconteceram antes os levantes dos tenentes, a Coluna Prestes, a Semana de Arte Moderna, os contos de Monteiro Lobato, a chegada a São Paulo de Lasar Segall, os jovens Di Cavalcanti e Portinari. Havia uma inquietação geral atingindo os setores mais diversos da vida nacional. Muitos quiseram responder a esses anseios com as propostas mais em moda e as explicações mais sedutoras mas todas as respostas

possuíam uma limitação, nenhuma ia além das próprias conveniências de idéias e estilos, da estreiteza dos grupos e das teorias. Somente Gilberto Freyre soube colocar-se diante da realidade e dos métodos propostos para interpretá-la sem enxergar prioridades, utilizando o que era correto em cada proposição, desprezando os dogmas. Viu o Brasil e o recriou com olhos de brasileiro lavados de qualquer colonialismo cultural.

Faz-se necessário dizer que com Casa-Grande & Senzala rompemos de uma vez por todas com o colonialismo cultural ainda tão presente e atuante, por exemplo, no modernismo. Sabemos desde 1933 o que realmente somos e qual a originalidade de nossa cultura: um povo mestiço, uma cultura mestiça.

Resta-me dizer que sendo um pernambucano fanático, talvez por isso mesmo Gilberto Freyre soube entender e valorizar as diferenças regionais: delas, de sua força e beleza, nasce a unidade nacional. Nasce da mistura de raças, de sangues, de culturas. Não digo convivência, digo mistura, coisa bem diversa. A convivência por mais cordial que seja significa separação, termina sempre no confronto e no ódio. Somente a mistura, a miscigenação, pode resolver o problema racial e extinguir o racismo: não existe outra solução. É o que nos ensina mestre Gilberto em seu grande livro, um livro exemplar que é honra e orgulho dos brasileiros, prova da força universal de nosso humanismo.

Jorge Amado
(maio de 1983)

GILBERTO FREYRE: INSPIRADOR DE NOVAS GERAÇÕES

Ao concluir em colégio do Rio de Janeiro meu curso secundário, em 1932, meu interesse pela história brasileira estava firmado, graças sobretudo aos livros que encontrara e lera na biblioteca de meu Avô paterno, sócio efetivo que fora desde 1901 do Instituto Arqueológico Pernambucano. De volta ao Recife, onde prestaria exames para admissão à Faculdade de Direito, soube que Gilberto Freyre estava a concluir um livro sobre a formação social do Brasil e dele recebi o convite para auxiliá-lo em certa pesquisa histórica que visava a esclarecer um pormenor acerca da procedência tribal dos escravos negros do Nordeste.

Era minha iniciação na pesquisa histórica. Gilberto tinha, ao tempo, graças ao então Diretor da Biblioteca Pública do Estado, condições especiais de trabalho, no vasto salão do segundo andar do edifício, com uma mesa enorme, da qual se avistava o Capibaribe. Folheei então, pela primeira vez, o Diario de Pernambuco a partir da década de 1830 e em breve o trabalho estava concluído e o resultado consta de uma das notas do livro que veio a intitular-se Casa-Grande & Senzala.

O que foi para o jovem estudioso da História, a quem o curso jurídico nunca interessara, a leitura do livro, do qual os primeiros exemplares chegaram ao Recife nos últimos meses de 1933, tentei dizer em artigo que o Boletim de Ariel acolheu generosamente no ano seguinte. O que havia então sobre a formação social do Brasil? Quase nada e esse pouco marcado ainda por autores europeus como Buckley e Gobineau, senão mesmo por teóricos do racismo arianista. Eu lera Oliveira Viana e Paulo Prado. A imagem que conservava dessas leituras não animava a indagação histórica do passado brasileiro; idéias como a de Prado acerca das origens da tristeza brasileira ou como a de Capistrano de Abreu, que via no jaburu o símbolo da nossa terra, na sua apatia e desalento, não podiam estimular indagações daquela natureza.

Com essa perspectiva histórica — que as gerações posteriores à minha não têm considerado — pode começar-se a compreender o que foi a publicação de Casa-Grande & Senzala. De repente, através da exposição clara e inovadora e de um estilo literário que valorizava com encanto especial a exposição dos temas, abriram-se para o estudo da história brasileira amplos campos de investigação. O Brasil tomou conhecimento, pela primeira vez, de si mesmo, pelo estudo das etnias de que se forjara o seu povo e dos aspectos básicos da sua formação social.

Gilberto só fez reafirmar, com suas obras posteriores, a imediata condição, alcançada com seu primeiro livro, de inspirador das novas gerações de estudiosos do passado brasileiro, quer essa inspiração seja explicitamente declarada ou mesmo negada, sem que essa negativa consiga esconder aquela inspiração.

Oliveira Viana, Paulo Prado e Capistrano de Abreu são hoje apenas nomes na história das ciências sociais do Brasil, enquanto a obra de Freyre, por seu valor, amplia sua repercussão por meio de inúmeras edições em língua portuguesa e de traduções nas principais línguas européias e mesmo do Extremo Oriente e inspira novas vocações e contribuições aqui e no exterior.

José Antonio Gonsalves de Mello
(junho de 1983)

CASA-GRANDE & SENZALA E NÓS

Será possível imaginar-se a emoção que sentira no peito de 50 Anos quando meu querido amigo Zé Lins do Rego me leva à Editora Gilberto Freyre para assinar contrato de edição deste grande e imortal livro brasileiro.

Depois passo editando todos os seus outros livros, inclusive, logo em seguida a Casa-Grande *a reedição — revista e aumentada — de* Sobrados e Mucambos, *que, na opinião de Gilberto é o livro de que ele mais gosta.*

Somos amigos fraternais há 50 anos, sou padrinho de batismo de Gilberto Freyre Neto, filho de Fernando.

José Olympio então pergunta: Será necessário acrescentar mais alguma coisa? É, pois, isso aí, como lhes diria Leda Nagle.

José Olympio
(27 de julho de 1983)

2

A Crítica

"Creio que poderíamos passar sem qualquer dos nossos ensaios e romances, ainda que fosse o melhor que se escreveu no Brasil. Mas não passaríamos sem Casa-Grande & Senzala, *sem sermos outros. Gilberto Freyre, de certa forma, fundou — ou pelo menos espelhou — o Brasil no plano cultural tal como Cervantes à Espanha, Camões à Lusitânia, Tolstoi à Rússia, Sartre à França".*

Darcy Ribeiro

"Gilberto Freyre é um homem singular em Pernambuco, particularmente no Recife. Escritor extraordinário, sua fama chega em toda a parte. Vale salientar que GILBERTO é um homem simples, sem pose, muito mais inclinado a ler e escrever do que se mostrar o tal, como se diz vulgarmente. Eu, Luís Jardim, o admiro e exalto".

Luís Jardim

"Gilberto Freyre apresenta o homem histórico quase sem o desprender do seu corpo vivo, o que importa na quase realização da quadratura do círculo dos historiadores, o ponto último da investigação histórica, o empenho de Michelet e de Bloch agora atingido por alguém que possui o senso obsessional da substância, da matéria palpável, do objeto vivo. Nisto parece ultrapassar os historiadores-sociólogos da Europa como Marc Bloch e Lucien Febvre e na verdade excede Kayserling, podendo ser comparado apenas com Michelet. É lamentável não ter tido ainda a França um intérprete assim dos primeiros séculos da sua formação".

Roland Barthes
(Paris)

" Casa-Grande & Senzala, *tendo sido uma revelação para os próprios brasileiros do que realmente são, é um triunfo universal, e não apenas nacional, de saber. Notável na literatura da História Social, é obra de Literatura pelas suas próprias virtudes literárias e demonstração brilhante de que a Antropologia e a Sociologia podem recriar, para o Homem, um sentido de passado como vida na sua totalidade (. . .) Se o saber de Gilberto Freyre assim orientado transborda das ciências especializadas em Literatura, em sua vida se reflete aquela unidade de espírito e de propósito que é a única capaz de fazer que uma imaginação como a sua, ligada à vida, se realize em criação. Em demonstração de criatividade".*

Asa Briggs
(Reitor da Universidade inglesa de Sussex).

"Gilberto Freyre projeta sobre a vida humana uma espécie de luz e escreve com o talento literário geralmente mais associado aos autores de romances que aos de tratados sociológicos. A obra de Gilberto Freyre não é só grande obra-prima brasileira, mas, ao mesmo tempo, uma obra-prima da literatura da nossa época e do nosso hemisfério".

Bertram Wolfe
(Nova Iorque)

"Como se realizou, durante os séculos XVII e XVIII, esse milagre da civilização moderna, eis o que nos ensinou o grande sociólogo brasileiro Gilberto Freyre numa obra magistral, intitulada Casa-Grande & Senzala *e traduzida em francês, demasiado dramaticamente, Maîtres et Esclaves. Todos os testemunhos concordam aqui, e em primeiro lugar os dos próprios brasileiros, que mo confirmaram na sua terra e publicamente: foi mestiçando-se, não só em carne, mas em espírito, que o Português do sonho sebástico se tornou o Brasileiro de hoje: um dos dois Grandes do Novo Mundo, que, fazendo*

a sua caminhada, se foi enriquecendo dos contributos biológicos e culturais de outras etnias."

Léopold Séder Senghor
(Senegal).

"Obra de Extraordinário valor científico e humano. Nosso País (Cuba) está pedindo que um sociólogo cubano da força, da inteligência e da cultura do brasileiro Gilberto Freyre faça trabalho análogo, rigorosamente científico e sem romantismo, da família cubana e da sua economia patriarcal".

Fernando Ortiz
(Havana).

"É a verdade que faz os homens livres. Gilberto Freyre está contribuindo para isto. É um homem que inspira respeito pela sua capacidade de trabalho e pela beleza moral da sua energia posta a serviço da verdade".

R. Saenz-Hayes
(Buenos Aires).

3
Acervo

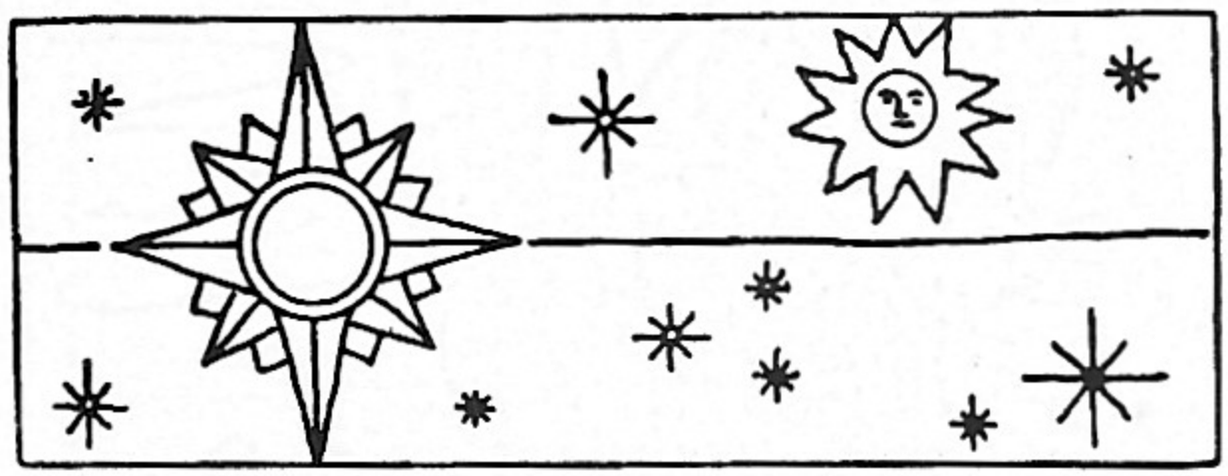


Gilberto Freyre no Solar de Santo Antônio de Apipucos.
Recife, 1983.

2 — Logotipo Comemorativo do Cinqüentenário da 1a. Edição de C G&S. (1933-1983).
Autoria: Silvana Camurça.



3 — Gilberto Freyre quando da publicação da 1a. Edição de CG&S. 1933.
Fotografia que ilustra o artigo de Roquette Pinto "Casa-Grande & Senzala", em: *Literatura.* Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1934.



INFLUÊNCIAS E ANTECEDENTES REMOTOS

"Três textos são destacados neste ensaio como antecedentes remotos de CG&S. *O discurso de "Adeus, ao Colégio", a dissertação de mestrado na Columbia University e o* Livro do Nordeste, *organizado para as comemorações do primeiro centenário do* Diario de Pernambuco, *de que Gilberto Freyre fora incumbido pela direção do referido jornal. Eles não são, ainda, a formulação explícita da obra aqui biografada. Mas já revelam uma predisposição do autor para concebê-la e redigi-la".*

Edson Nery da Fonseca

4 — Gilberto Freyre na turma do Colégio Americano Gilreath. Recife, 1909.
É o quarto (da direita para a esquerda) da primeira fila, sentado com as pernas cruzadas.

5 — Edifício (já demolido) do Colégio Americano Gilreath, Recife.
Colégio onde Gilberto Freyre fez os estudos secundários até o grau de Bacharel em Ciências e Letras. Reproduzido a partir do livro de Gilberto Amado et alii. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte.* Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1962.

6 — Gilberto Freyre ao concluir o curso de Bacharel em Ciências e Letras, no Colégio Americano Gilreath, Recife, 1917.



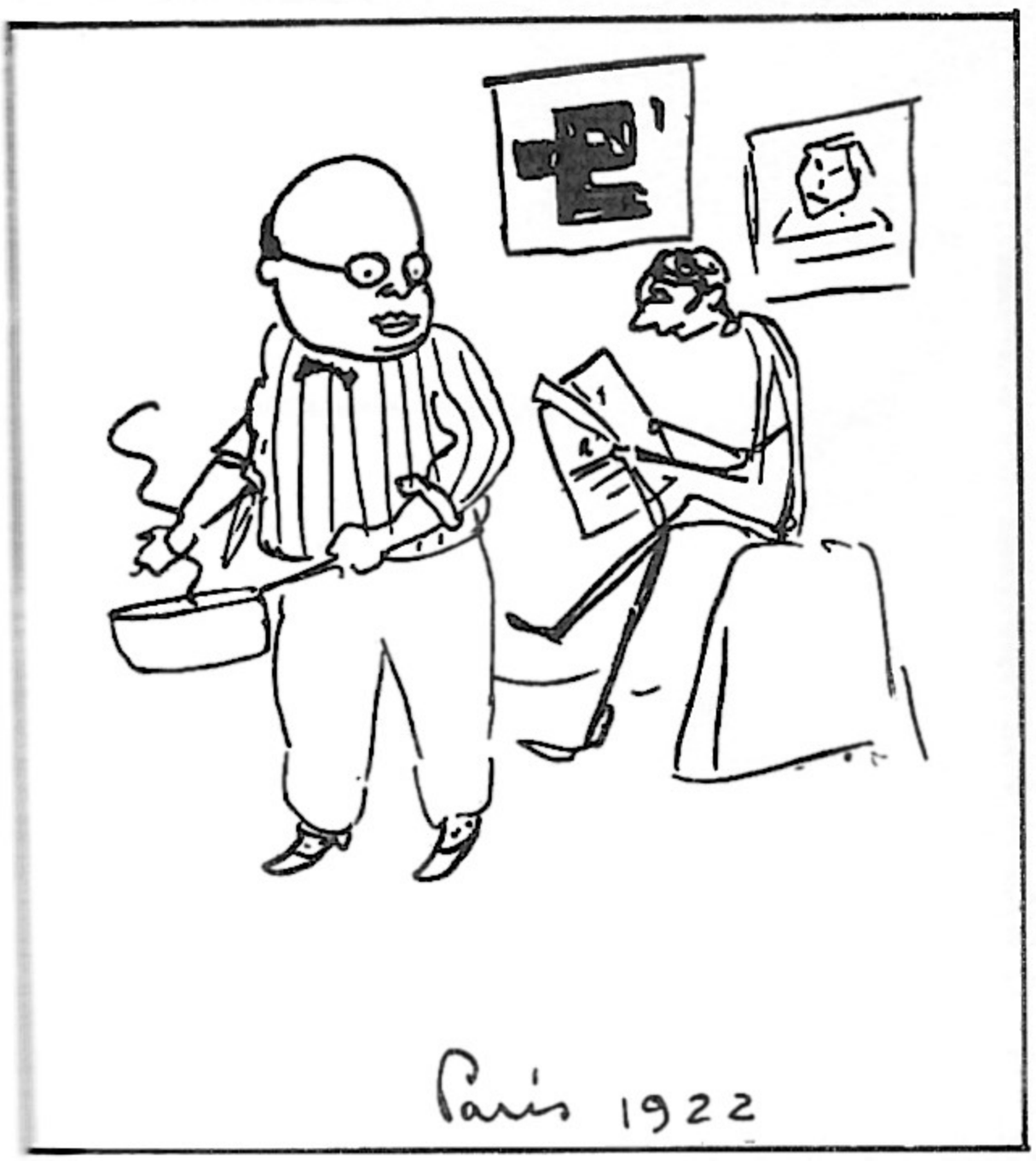
7 — Oliveira Lima.
Caricatura feita por Gilberto Freyre aos 18 anos de idade.
"Conheci Oliveira Lima em 1917, eu ainda menino de colégio no Recife, (. . .) Desde esse dia ficamos amigos. E não me lembro de mestre nenhum, exceto Boas, que viesse a exercer influência tão poderosa sobre minha formação, inclusive sobre os estudos em que me especializaria: os do patriarcado rural e da miscigenação no Brasil".
G. F. em *Região e tradição*.. 2a. edição. Rio de Janeiro, Gráfica Record Editora, 1968.

8 — **Franz Boas**.
"O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia".
G. F. em prefácio à 1a. edição de C G.&S.

9 — **Gilberto Freyre, Oliveira Lima, Dioclécio Duarte (da esquerda para a direita). Washington, 1912.**

10 — **Social Life in Brazil in the Middle of the, 19th Century.**
Tese apresentada por Gilberto Freyre, em 1922, à Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Colúmbia, EUA.
"Trabalho que Henry L. Mencken fez-me a honra de ler, aconselhando-me que o expandisse em livro. O livro, que é este, deve esta palavra de estímulo ao mais antiacadêmico dos críticos".
G. F. em prefácio à 1a. edição de C G.&S.

11 — **Gilberto Freyre em Paris, 1922. Auto-retrato.**



12 — **Gilberto Freyre no atelier de Vicente do Rego Monteiro em Paris, 1922.** Caricatura feita por G. F.
Em 1922 percorre a Europa em viagem de estudos. Em Paris, conhece alguns artistas brasileiros, entre eles, Tarsila, Brecheret e Vicente do Rego Monteiro.

13 — **O Livro do Nordeste.** Edição comemorativa do Primeiro Centenário do **Diario de Pernambuco** (1825-1925), organizada por Gilberto Freyre. Recife, 07 de novembro de 1925.



Solar do Carrapicho. Onde Gilberto Freyre concluiu *Casa-Grande & Senzala.* (Estrada do Encanamento no. 1163 - Casa Forte - Recife).

O LIVRO

"Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia, depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete".

G. F. em *CG&S. Prefácio à 1a. edição*

GILBERTO FREYRE

CASA-GRANDE
&
SENZALA

FORMAÇÃO DA FAMILIA BRASILEIRA
SOB O REGIMEN DE ECONOMIA
PATRIARCHAL

MAIA & SCHMIDT L.TDA
RIO - 1933

15 — Frontispício da Edição Príncipe de CG&S.
Rio de Janeiro. Editora Maia & Schmidt Ltda., 1933.



16 — Capa da 22a. edição de CG&S.
Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1983.

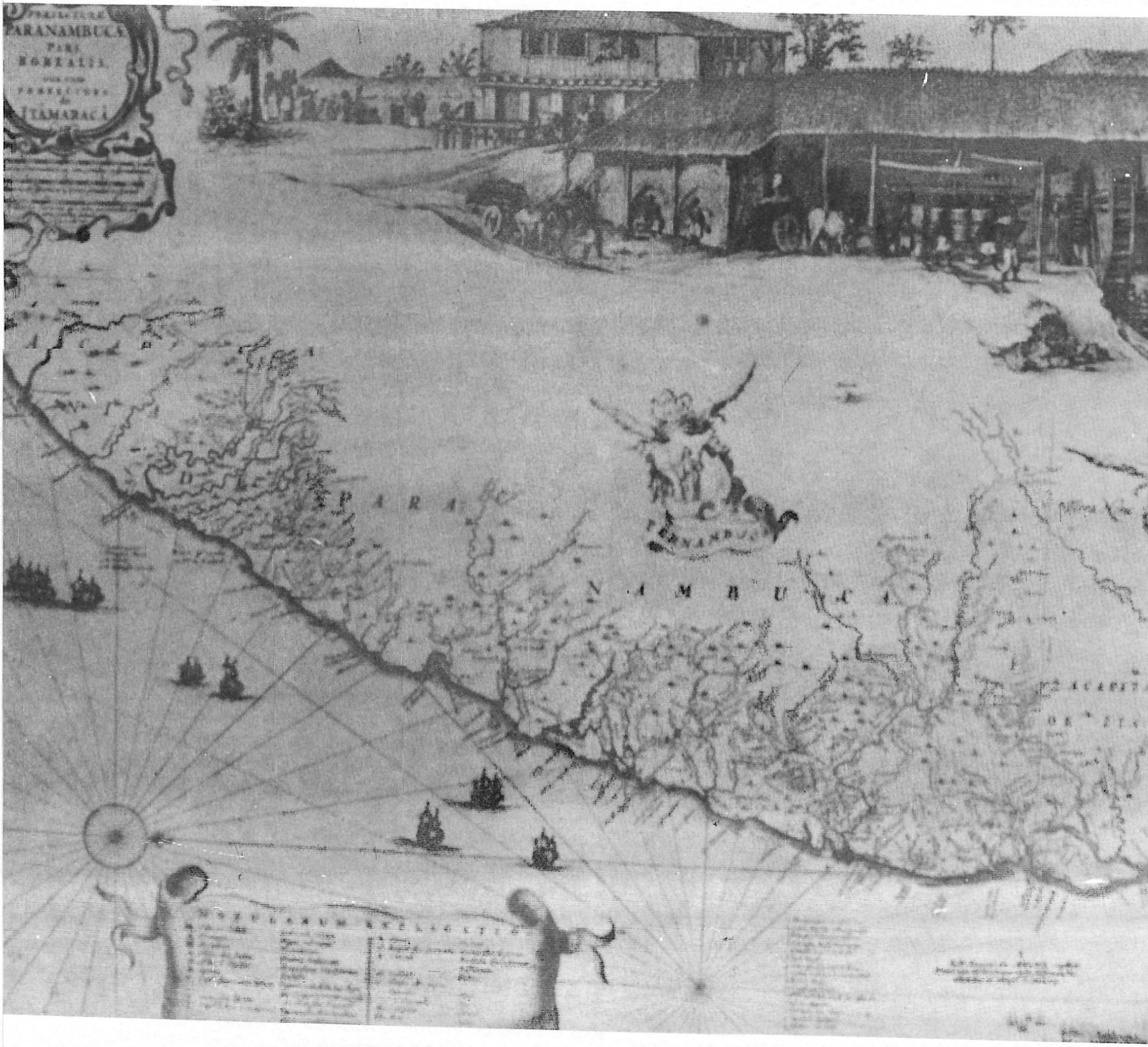


CARACTERÍSTICAS GERAIS DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO BRASIL: FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE AGRÁRIA, ESCRAVOCRATA E HÍBRIDA. (Capítulo I)

"Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical. Mudado em São Vicente e em Pernambuco o rumo da colonização portuguesa do fácil, mercantil, para o agrícola; organizada a sociedade colonial sobre base mais sólida e em condições mais estáveis que na Índia ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão (. . .)

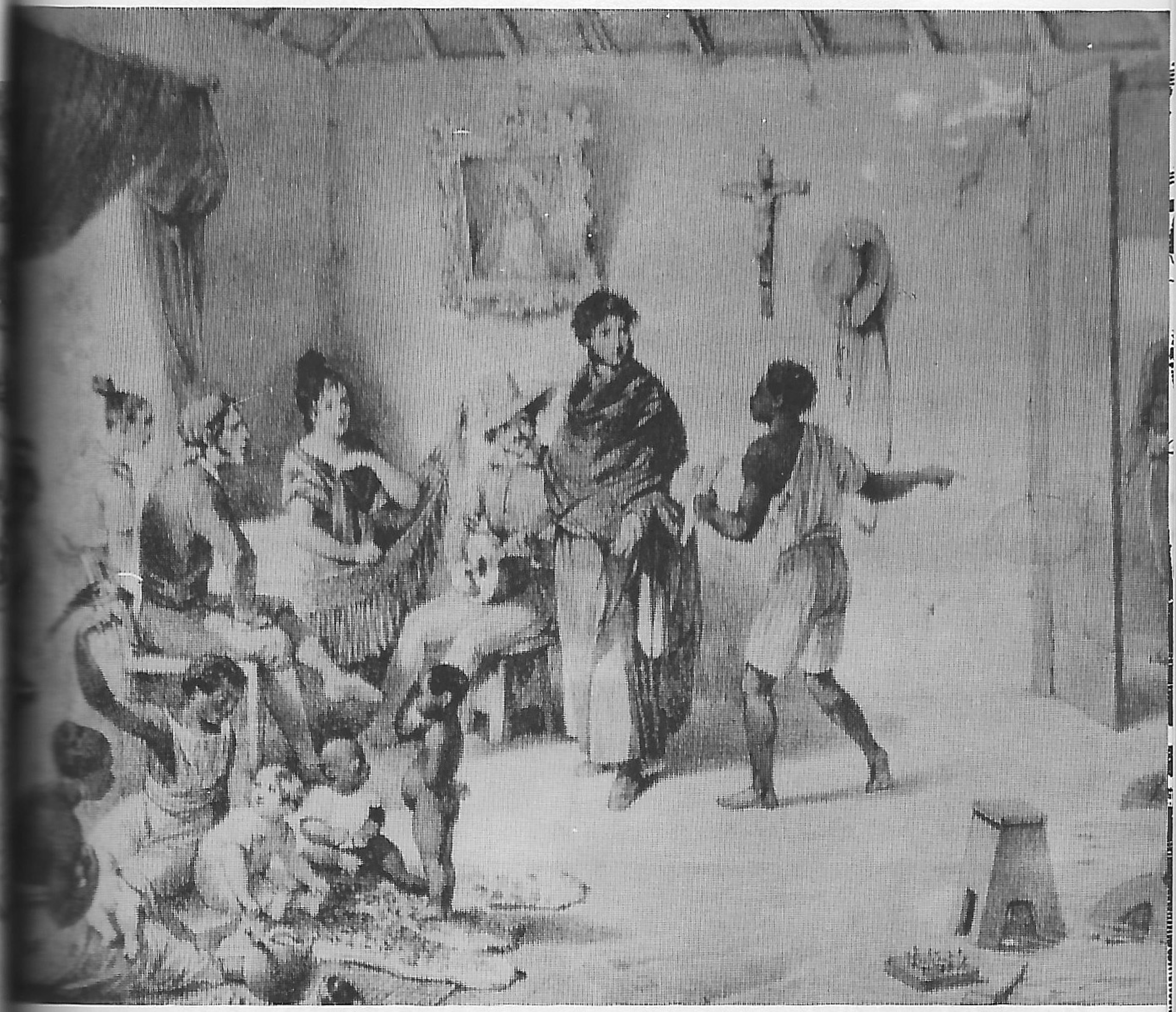
Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio — e mais tarde de negro — na composição".

G. F. em *CG&S*



17 — Mapa das Capitanias de Pernambuco e Itamaracá. Do conjunto cartográfico de George Marcgrave, com desenho de Frans Post, publicado no livro de Gaspar Barlaeus: *Rerum Per Octennium in Brasilien*, Clèves, 1660.

18 — **Mapa da Capitania de São Vicente.** Reproduzido a partir do livro de Herculano Gomes Mathias et alii. *História do Brasil* v. I. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1976.



19 — **Família de plantadores.**
Litogravura de Rugendas em *Malerische Reise in Brasilien*, Paris, 1835.
"A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil. . ."
G. F. em C G&S.

20 — Família de plantador indo à igreja.
Litogravura de Rugendas.

21 — Colheita de café.
Litogravura de Rugendas.

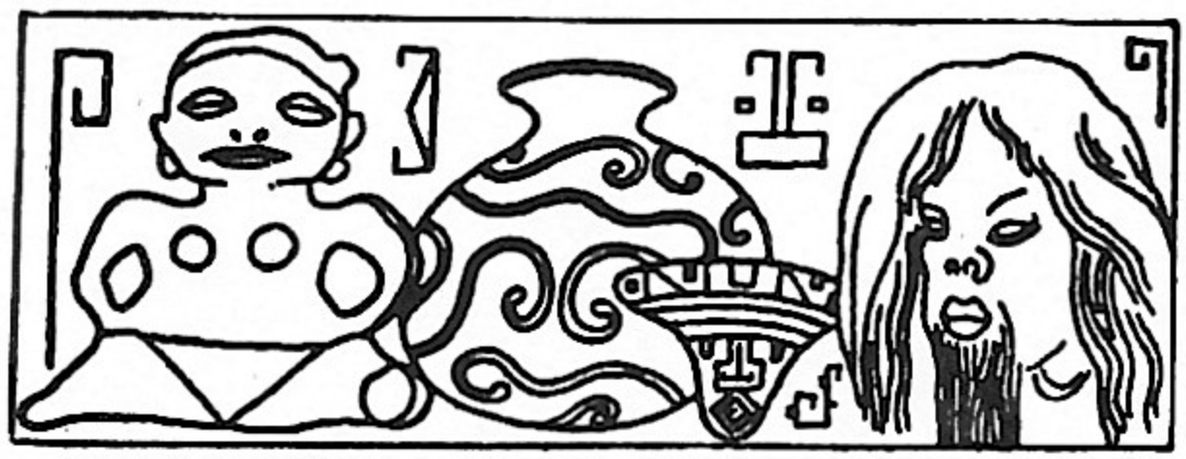


22 — Usina de açúcar de Ubá.
Litogravura. Victor Frond Photog. — Clerget Lith. (1857-1868).

23 — Vários aspectos de um engenho de açúcar brasileiro dos tempos coloniais.
Desenho de Tomás Santa Rosa, utilizado a partir da 4a. edição de C G&S, segundo ilustração do livro James Henderson, sobre o Brasil colonial: *A History of the Brazil,* Londres, 1821.

24 – **Senhor branco do século XVII dirigindo o trabalho dos escravos negros num engenho de açúcar.** Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo ilustração do livro de Guilielmi Pisonis, *História Naturalis Brasiliae*, Amsterladami, 1648.





O INDÍGENA NA FORMAÇÃO DA FAMÍLIA BRASILEIRA (Capítulo II)

"Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone".

G. F. em *C G&S.*



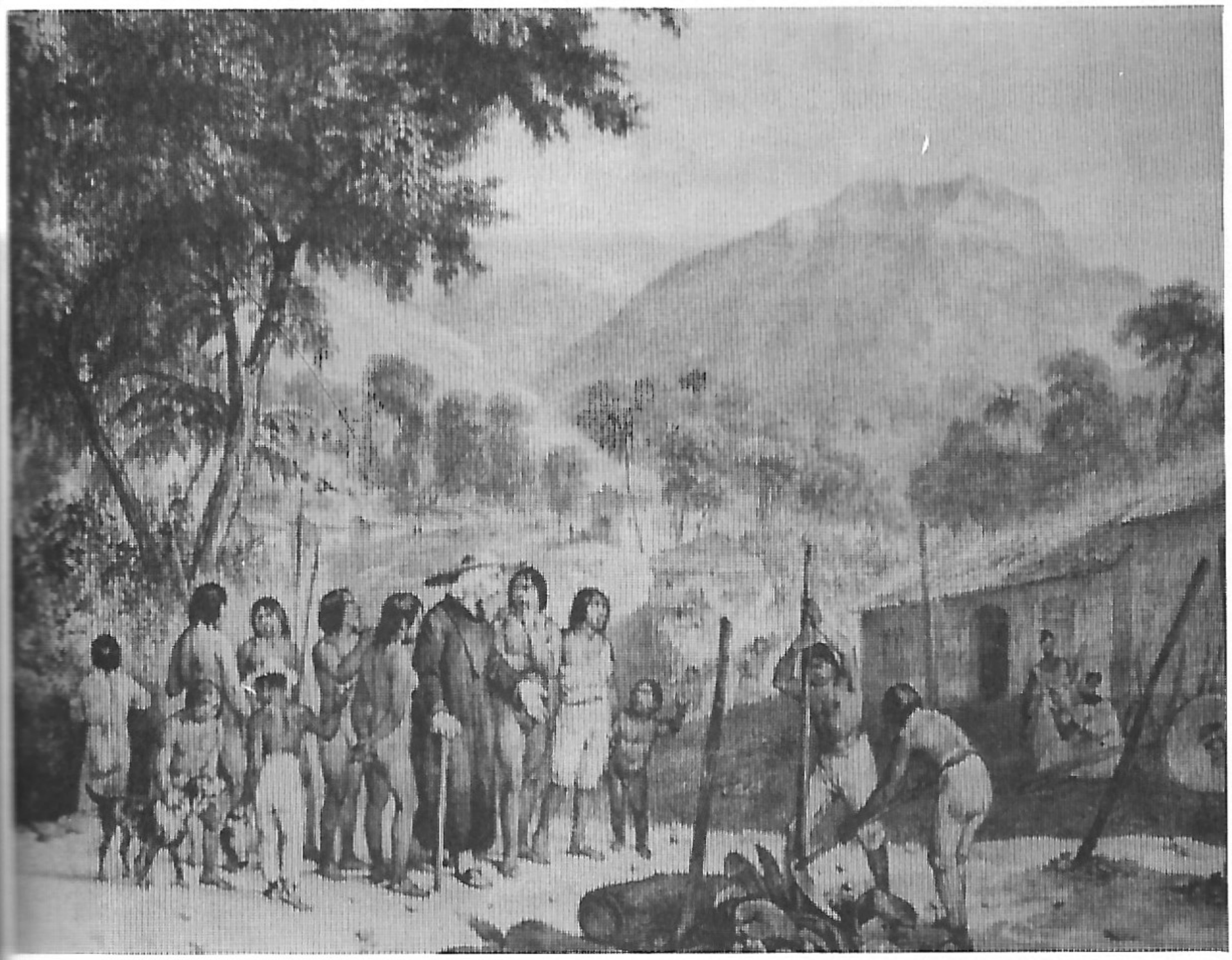
26 — Mulher Camacan Mongoyo.
Litogravura de J. B. Debret em *Voyage Pittoresque et historique au Brésil ou Séjour d'un Artiste Français au Brésil depuis 1816 jusqu'eu 1831,* New York, Continental News, 1965.
"O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Campanha precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne". G. F. em C.G&S.

27 — **Chefe Camacan Mongoyo**.
Litogravura de J. B. Debret.

28 — **Família de um chefe Camacan preparando-se para uma festa.**
Litogravura de J. B. Debret.

29 — **Canoa indígena**.
Litogravura de Rugendas,

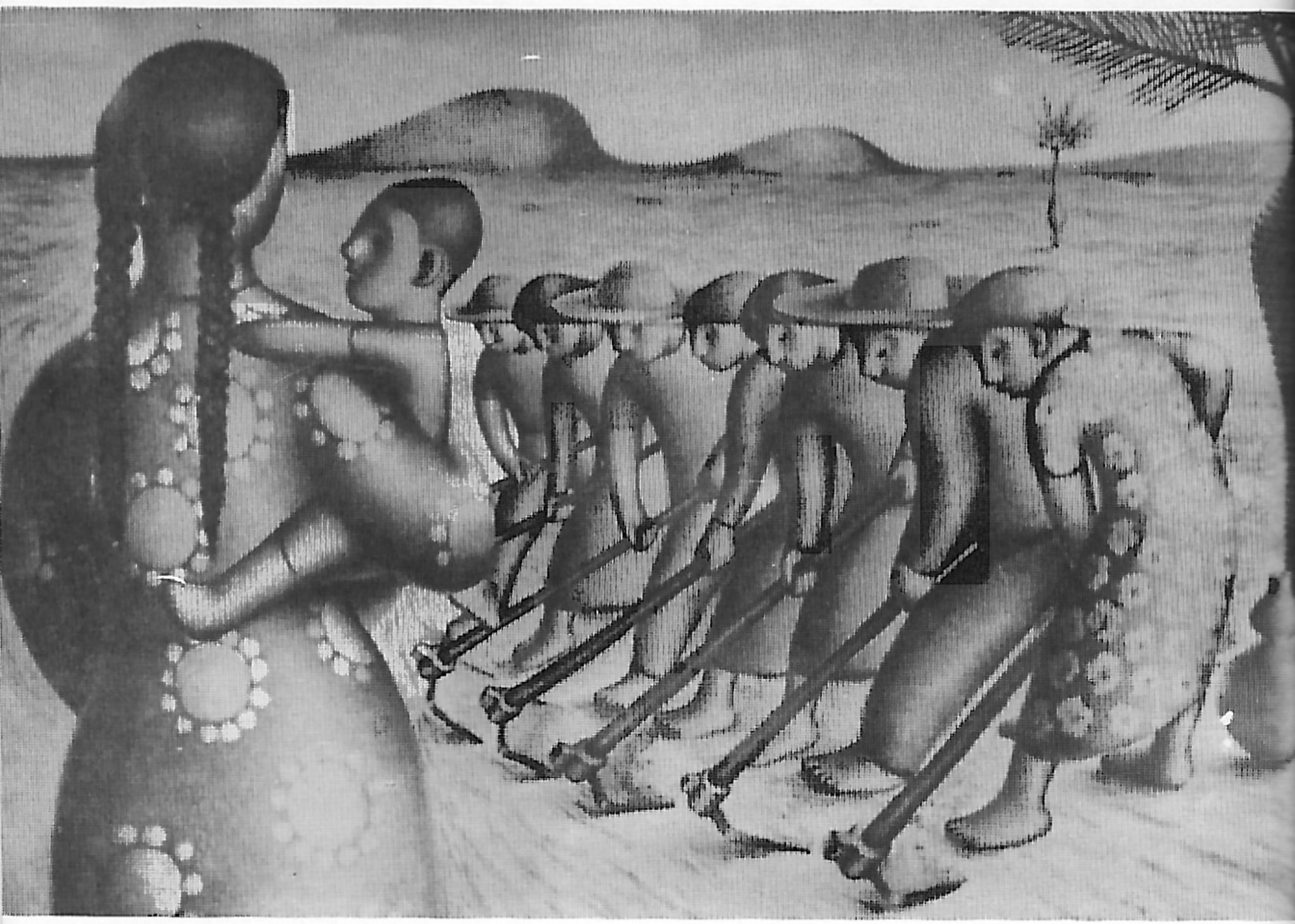
30 — **Encontro de índios com viajantes europeus.**
Litogravura de Rugendas.



31 — **Aldeia dos Tapuios**.
Litogravura de Rugendas
"O que se salvou dos indígenas no Brasil foi a despeito da influência jesuítica; pelo gosto dos padres não teria subsistido à conquista portuguesa senão aquela parte mole e vaga de cultura ameríndia por eles inteligentemente adaptada à teologia de Roma e à moral européia". G. F. em C G&S.

32 — Guerrilhas.
Litogravura de Rugendas
"Causa de muito despovoamento foram ainda as guerras de repressão ou de castigo levadas a efeito pelos portugueses contra os índios, com evidente superioridade técnica". G. F. em CG&S.

33 — Índios em uma plantação.
Litogravura de Rugendas
"O número de índios possuídos pelo colono (. . .) tornou-se o índice do poder ou da importância social de cada um, tornou-se o capital de instalação do colono na terra. . ." G. F. em C G&S.



34 — Eito.
Óleo/tela de Lula Cardoso Ayres (1943), utilizado para ilustrar 1o. tomo da 14a. edição de C G&S.
"Na formação brasileira, maior foi a utilidade social e econômica da mulher que a do homem indígena". G. F. em C G&S.

35 — Cerâmica Karajá.
Tocantins-Xingu/Núcleo C. Coleção Noel Nutels.
"Variado era o uso da mandioca na culinária indígena, e muitos dos produtos preparados outrora pelas mãos avermelhadas da cunhã, preparam-nos hoje as mãos brancas, pardas, pretas e morenas da brasileira de todas as origens e de todos os sangues". G. F. em C G&S

36 — Cerâmica Waurá.
Alto Xingu/Parque Nacional do Xingu. Coleção Noel Nutels.

37 — Tipiti, tuave e apá.
Parque Nacional do Xingu. Coleção Noel Nutels.



O COLONIZADOR PORTUGUÊS: ANTECEDENTES E PREDISPOSIÇÕES. (Capítulo III)

"A colonização do Brasil se processou aristocraticamente — mais do que a de qualquer outra parte da América (. . .) Mas onde o processo de colonização européia afirmou-se essencialmente aristocrático foi no norte do Brasil. Aristocrático, patriarcal, escravocrata. O português fez-se aqui senhor de terras mais vastas, dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da América. Essencialmente plebeu, ele teria falhado na esfera aristocrática em que teve de desenvolver-se seu domínio colonial no Brasil. Não falhou, antes fundou a maior civilização moderna nos trópicos".

G. F. em *C G&S*



38 — Uma Wanderley do Século XIX.
Ilustração utilizada desde a 1a. edição

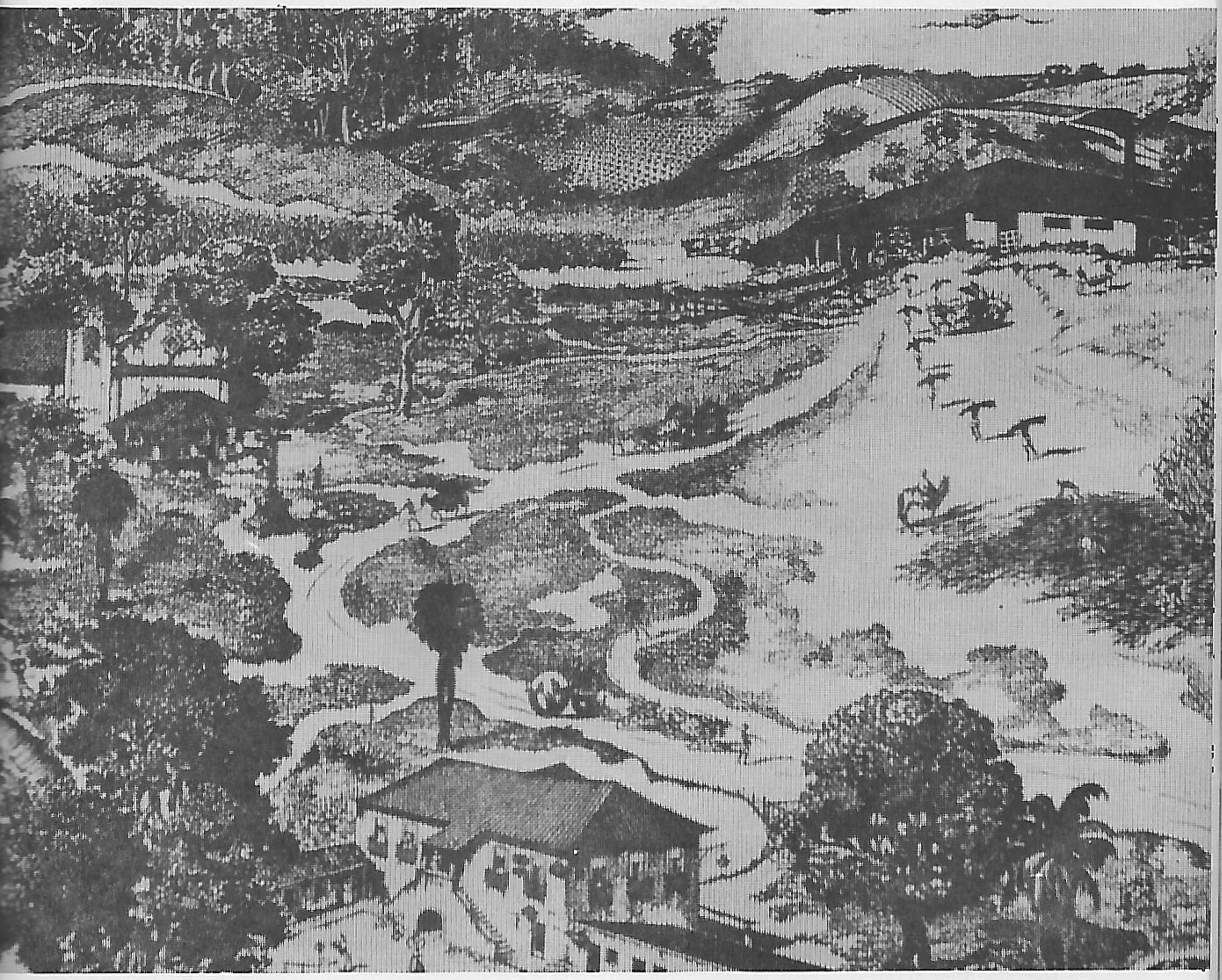
39 — Um empregado do Governo saindo de casa com sua família.
Litogravura de J. B. Debret.

40 — Desenhos de Tomás Santa Rosa segundo fotografias da segunda metade do século XIX.
a) Um Fonseca Galvão, cujo pai por nativismo mudou o nome da família para Carapeba.
b) Senhores de Engenho
c) Sinhá-dona: penteado de dia dè festa.
d) Meninas de engenho quase em idade de casamento.

41 — Um menino de família patriarcal com seu muleque, companheiro de brinquedos.
Desenho de Tomás Santa Rosa: segundo fotografia do século XIX.

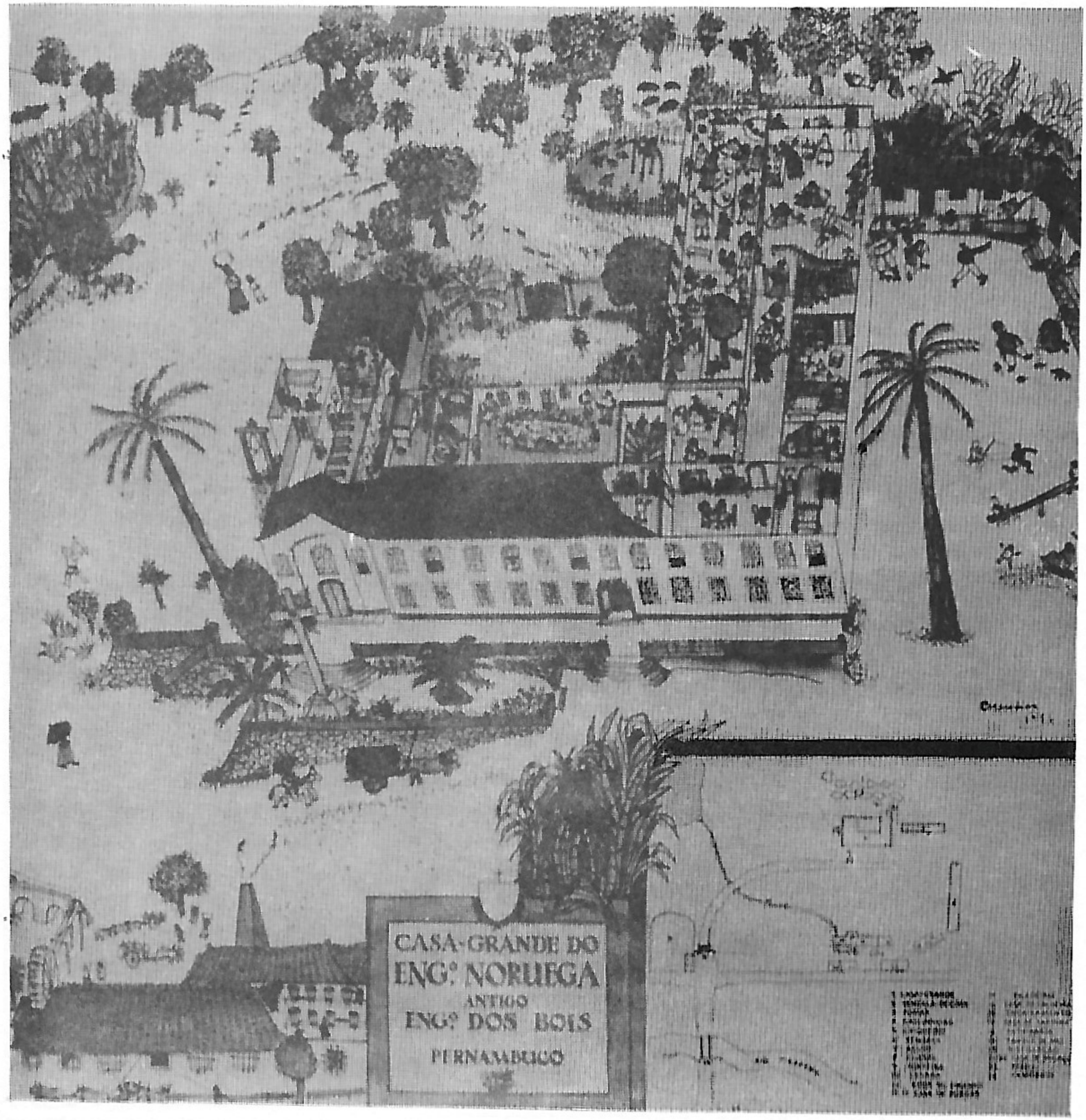
42 — **Menina de família patriarcal, dia de primeira comunhão.**
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do século XIX.

43 — **Senhores de engenho. Bico-de-pena de Poty, (1972), utilizado a partir da 16a. edição de C G&S.**



44 — **Triângulo rural do Nordeste: engenho, casa-grande e capela.**
Desenho de Manoel Bandeira (1937).

45 — **Engenho de açúcar do século XVII.**
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo ilustração de Frans Post para o livro de Gaspar Barlaeus, *Rerum per Octennium in Brasilien*, Clèves, 1660.

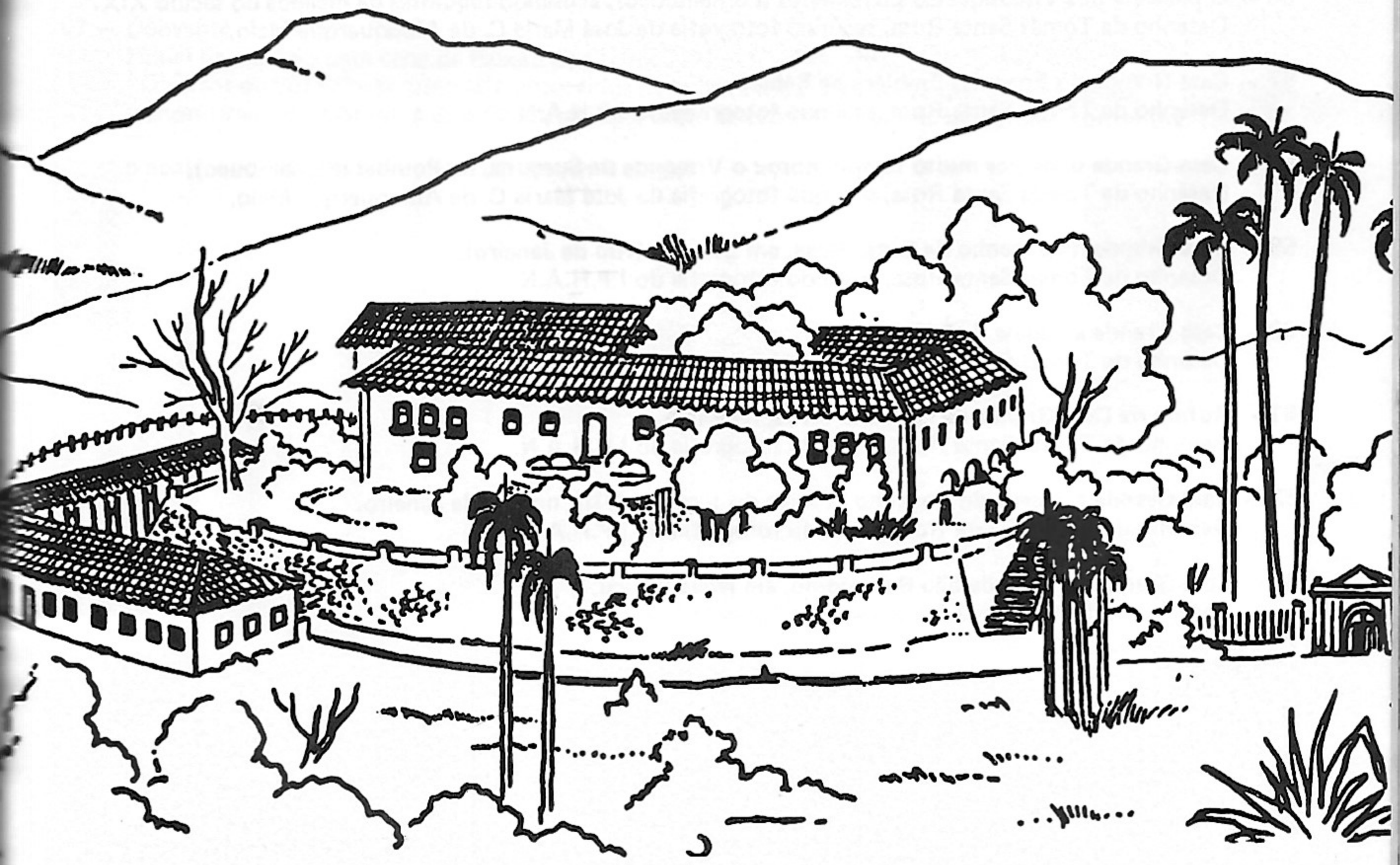


46 — Casa-Grande do Engenho Noruega, Antigo Engenho dos Bois (PE).
a) Desenho de Cícero Dias
b) Planta baixa

47 — Casa-Grande e Capela do Engenho da Torre (Pernambuco).
Desenho de Tomás Santa Rosa segundo ilustração do livro de James Henderson, sobre o Brasil Colonial: *A History of the Brazil*, Londres, 1821.

48 — **Casa-Grande em ruínas, perto de Olinda.**
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia de José Maria C. de Albuquerque Melo.

49 — **Casa-Grande, senzala e outros edifícios de uma fazenda opulenta do sul: a de São Joaquim da Grama.**
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.



50 — **Casa-Grande, com torre, na Casa-Forte (Pernambuco) perto da Campina em que se travou grande combate entre os holandeses e os brasileiros.**
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia de
Gilberto Freyre.

51 — **Fazenda Rio de São João, Santa Bárbara, Minas.**
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

52 — **Casa-Grande do Engenho d'Água Vila Bela, São Paulo.**
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

53 — **Casa-Grande do Engenho Megaípe, construção do século XVII.**
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia de Ulysses de Mello Freyre.

54 – Casa-Grande e capela do Sítio Piranhenga no Maranhão.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

55 – Capela revestida de azulejos da antiga Casa-Grande do Sítio de Piranhenga, no Maranhão.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

56 – O palacete dos Viscondes do Livramento (Pernambuco), acusando requintes de meados do século XIX.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia de José Maria C. de Albuquerque Melo.

57 – Casa-Grande do Engenho Embiara na Bahia.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

58 – Casa-Grande onde por muito tempo morou o Visconde de Suaçuna, no Pombal (Pernambuco).
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia de José Maria C. de Albuquerque Melo.

59 – Casa-Grande do engenho de Santa Rosa, em Campos (Rio de Janeiro).
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

60 – Casa-Grande e capela de Columbandê.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

61 – Ruínas da Casa-Grande de Garcia D'Ávila, na Bahia.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

62 – Casa-Grande e capela do Engenho D'Água do século XVIII, no Rio de Janeiro.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.

63 – Casa-Grande da fazenda São Bernardino, em Nova Iguaçu.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia do I.P.H.A.N.



64 – Olinda – Convento de São Francisco.
Gravura de Aloisio Magalhães (1982).

65 — **Praça da Boa Vista.**
Litogravura de Luiz Schlappriz em Memória de Pernambuco: álbum para os amigos das artes, editado no Recife por Francisco Henrique Carls, em 1863.

66 — **Sobrado com abalcoado mourisco do Largo de São Pedro — Olinda.**
Desenho de Gilberto Freyre.

67 — **Convento do Carmo, Recife.**
Painel de azulejo com cena da Paixão de Cristo.
"Diversos outros valores materiais, absorvidos da cultura moura ou árabe pelos portugueses, transmitiram-se ao Brasil: a arte do azulejo que tanto relevo tomou em nossas igrejas, conventos, residências, banheiros, bicas e chafarizes; a telha mourisca; a janela quadriculada ou em xadrez; a gelosia; o abalcoado; as paredes grossas". G. F. em C G&S.



O ESCRAVO NEGRO NA VIDA SEXUAL E DE FAMÍLIA DO BRASILEIRO (Capítulo IV)

"Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todas as marcas da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de malassombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu ao ranger da cama-de-vento a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo".

G. F. em *CG&S*



68 — Negra brasileira do século XVII.
Ilustração utilizada a partir da 5a. edição de C G&S.

69 — Desembarque.
Litogravura de Rugendas.

70 — Mercado de negros.
Litogravura de Rugendas.

71 — Preparação da farinha de mandioca.
Litogravura de Rugendas.

72 — Pequena moenda de cana-de-açúcar.
Litogravura de J. B. Debret.

73 — Escravos negros trabalhando num engenho de bois.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo ilustração para o livro de Guilielmi Pisonis, *História Naturalis Brasilae.* Amsterladami, 1648.

74 — Cena do século XVII: um escravo chicoteado.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo ilustração da *Relation,* de Froger.

75 — Punição com açoite.
Litogravura de J. B. Debret.

76 — Uma senhora brasileira na intimidade de seu lar.
Litogravura de J. B. Debret.

77 — O jantar.
Litogravura de J. B. Debret.

78 — Ama-de-leite da família de Adolfo Simões Barbosa.
Fotógrafo Eugênio & Maurício. Pernambuco, 1864
"Quanto às mães-pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais". G. F. em C-G&S.

79 — Mucama e sinhazinha. Desenho de Maria Carmem para o 2o. tomo da 14. ed. de C G&S.
"A linguagem infantil se ampliou no Brasil ao contato da criança com a mucama. Não só a linguagem: o sentimento" G. F. C G&S.

80 — Negros novos.
Litogravura de Rugendas
"Meu branquinho feiticeiro
Doce ioiô meu irmão
Adoro teu cativeiro,
Branquinho do coração,

Pois tu chamas de irmãzinha
A tua pobre negrinha
Que estremece de prazer,
E vais pescar à tardinha
Mandi, piau e corvina
Para a negrinha comer".
Modinha recolhida por Eloi Pontes
apud G. F. em C-G&S.

81 — A iniciação sexual.
Desenho de Maria Carmem para o 2o. tomo da 14a. edição de C-G&S.
"Às vezes a iniciação do ioosinho no amor físico se fazia com negrinhas virgens".



82 — Escrava negra sendo açoitada.
Ilustração de Maria Carmem para o 2o. tomo da 14a. edição.
"Não foi toda de batuque a vida da escrava negra no Brasil: houve sadismo da parte de algumas senhoras para com aquelas pretas de que tinham ciúmes".

83 — Malhação do Judas.
Litogravura de J. B. Debret.



O ESCRAVO NEGRO NA VIDA SEXUAL E DE FAMÍLIA DO BRASILEIRO (Capítulo V)

"Foi ainda o negro quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. (. . .) A risada do negro é que quebrou toda essa "apagada e vil tristeza" em que se foi abafando a vida nas casas-grandes. Ele que deu alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumba-meu-boi, os cavalos-marinhos, os carnavais, as festas de Reis. Que à sombra da Igreja inundou das reminiscências alegres de seus cultos totêmicos e fálicos as festas populares do Brasil; na véspera de Reis e depois, pelo carnaval, coroando os seus reis e as suas rainhas; fazendo sair debaixo de umbelas e de estandartes místicos, entre luzes quase de procissão, seus ranchos protegidos por animais (. . .) cada rancho com o seu bicho feito de folha-de-flandres conduzido à cabeça, triunfalmente; os negros cantando e dançando, exuberantes, expansivos".

G. F. em *C G&S*

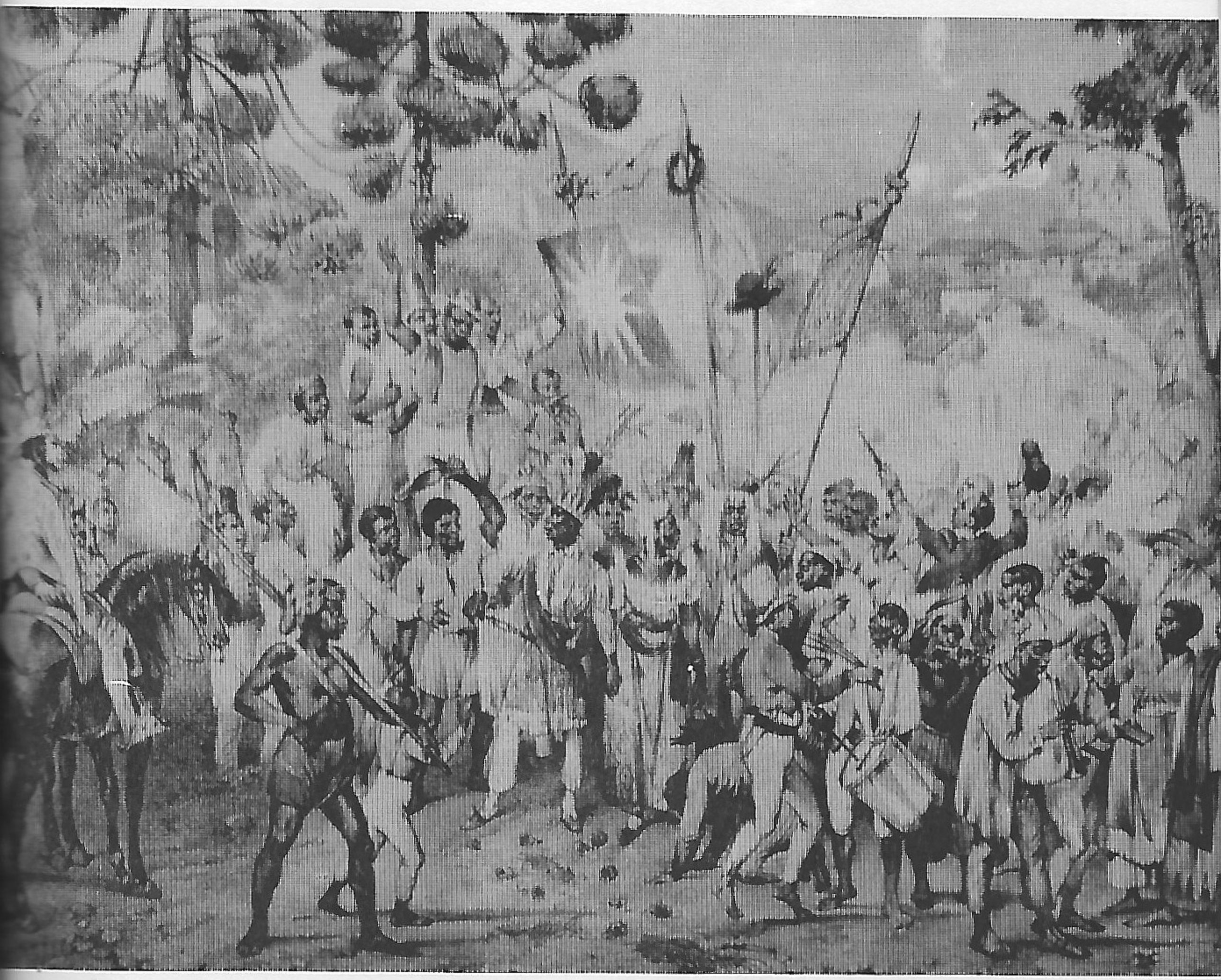


84 — Negra brasileira vendedora de cocada.
Desenho de Tomás Santa Rosa, segundo fotografia de Ulysses de Mello Freyre.

85 — Negras vendedoras de angu.
Litogravura de J. B. Debret
"O escravo africano dominou a cozinha colonial, enriquecendo-a de uma variedade de sabores novos".
G. F. em C G&S.

86 — Grupo de negros (em frente da Igreja de São Gonçalo), Pernambuco.
Litogravura de Luiz Schlappriz, em Memória de Pernambuco: álbum para os amigos das artes, editado no Recife, por Francisco Henrique Carls, 1863.
"Desses tabuleiros de pretas quituteiras, uns corriam as ruas outros tinham seu ponto fixo, à esquina de algum sobrado grande ou num pátio de igreja, debaixo de velhas gameleiras. Aí os tabuleiros repousavam sobre armações de pau escancaradas em X. A negra ao lado, sentada num banquinho".
G. F. em C G&S.

87 — **Negras indo à igreja para serem batizadas.**
Litogravura de J. B. Debret
"Esses negros batizados e constituídos em família tomavam em geral o nome de família dos senhores brancos: daí muitos Cavalcantis, Albuquerques, Melos, Mouras, Wanderleys, Lins, Carneiros Leões, virgens do sangue ilustre que seus nomes acusam". G. F. em C G&S.



88 — **Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros.**
Litogravura de Rugendas.

89 — **Objetos de culto afro-brasileiro.**
Coleção do Museu do Homem do Nordeste.

90 — Enterro de uma mulher negra.
Litogravura de J. B. Debret.
"Os negros, é claro, não se enterravam envolvidos em sedas e flores, nem dentro das igrejas. Enrolavam-se seus cadáveres em esteiras; e perto da capela do engenho ficava o cemitério dos escravos, com cruzes de pau preto assinalando as sepulturas". G. F. em C G&S.

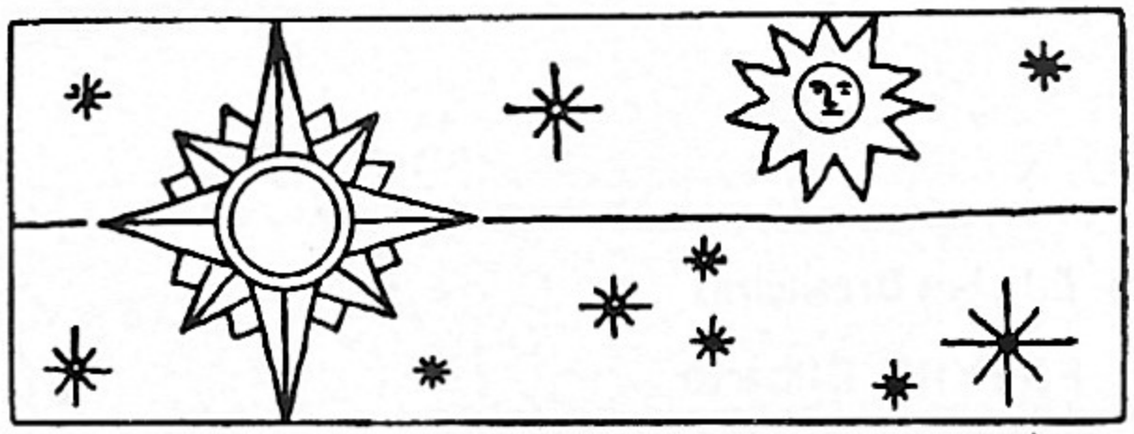
91 — Jogar Capoeira (ou dança de guerra)
Litogravura de Rugendas.

92 — Dança Batuque
Litogravura de Rugendas.



93 — Maracatu Elefante.
Coleção do Museu do Homem do Nordeste.

94 — Cena de Carnaval.
Litogravura de J. B. Debret.



CONSAGRAÇÃO DE
CASA-GRANDE & SENZALA

"Tenhamos a agradável coragem de reconhecer em Gilberto Freyre a grandeza que o futuro lhe irá reconhecer, em seu retardado processo de canonização e o ajudemos a ser ainda maior, aqui mesmo, entre nós e no nosso tempo, com a nossa quente e viva admiração"

Anísio Teixeira



95 Edições Brasileiras

FREYRE, Gilberto

Casa-grande & senzala; formação da família brasileira sob o regimen de economia patriarchal. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt, 1933. XLIV + 518 p.

2. ed. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1936. XXXIV + 360 p.

3. ed. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1938. XXXIV + 360 p. Edição pirata, reproduz integralmente a anterior.

4. ed. definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A)

5. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1946. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A)

6. ed. rev. pelo autor e acrescida de numerosas notas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1950. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A). Ao alto do título: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, I.

7. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1952. 2 v. (Col. Documentos brasileiros; 36-36A)

8. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954. 2 v. (Col. Documentos brasileiros, 36-36A)

9. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958. 2 v. (Obras reunidas de Gilberto Freyre. Primeira série)

10. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961. 2 v. (Obras reunidas de Gilberto Freyre. Primeira série)

11. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964. 2 v. (Obras reunidas de Gilberto Freyre. Primeira série)

12. ed. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1963. 589 p. (Biblioteca básica brasileira, 7)

13. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966. 2. v.

14. ed. Recife, Imprensa Oficial do Estado, por determinação da Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1966-70. 2 v. Edição Popular.

15. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. 2 v.

16. ed. brasileira — comemorativa do jubileu de esmeralda de C G &S. ilustrações de Tomás Santa Rosa e Poty. Desenho a cores de Cícero Dias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. lxxxviii + 573 p. Ao alto do título: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, I.

17. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975. lxxxviii + 573 p. Reprodução integral da edição anterior.

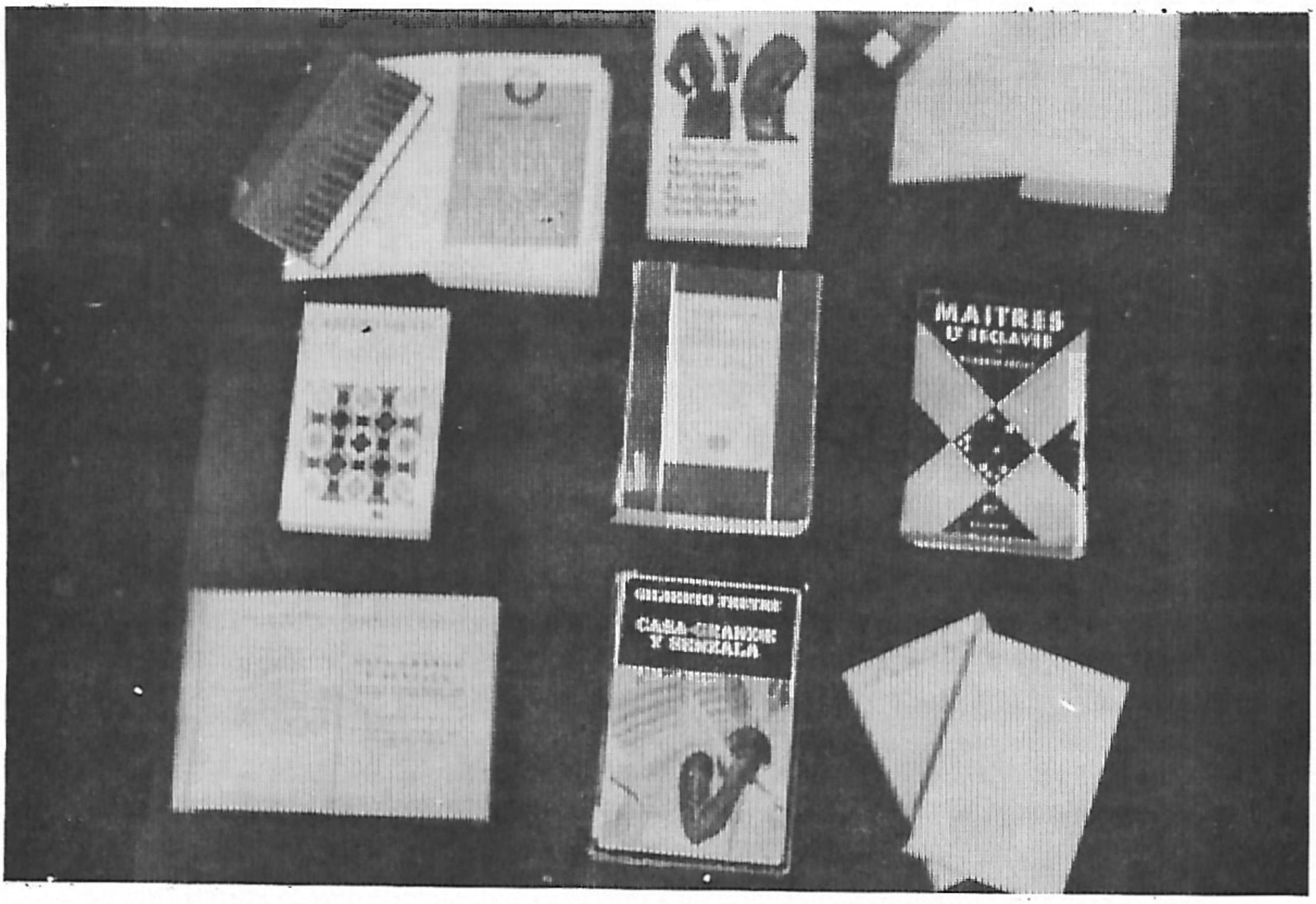
18. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977. lxxxviii + 573 p. Reprodução integral da edição anterior.

19. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978. lii + 572 p.

20. ed. comemorativa do octogésimo aniversário do autor. Apresentação de Eduardo Portela. Rio de Janeiro, José Olympio, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1980. lxxxviii + 573 p.

21. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981. lxxxviii + 573 p. Reprodução integral da edição anterior.

22. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1983. xciv + 573 p.



96 Edições Estrangeiras

EDIÇÕES EM ESPANHOL

Casa-Grande & Senzala; formación de la familia brasileña bajo el régimen de economia patriarcal. Trad. de Benjamin de Garay. Buenos Aires, Ministério de Justicia e Instrucción Publica, Comisión Revisora de Textos de História y geografia americana, 1942. 2 v. (Biblioteca de autores brasileños traduccidos al castellano, VIII-IX)

2. ed. Buenos Aires, Emecé, 1943. 2 v. (Col. Grandes ensaystas, dir. por Eduardo Mallea, 3)

3. ed. Prólogo y cronologia: Darcy Ribeiro. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1977. XLII + 573 p.

EDIÇÕES EM INGLÊS

The masters and the slaves; a study in the development of Brazilian civilization. Transl. from the Portuguese of the 4 and. definitive Brazilian ed: by Samuel Putnam. New York, A. A. Knopf, 1946. lxxxi + 537 + liv. p.

2. English-language ed., rev. New York, A. A. Knopf, 1956. lxxi + 537 + liv p.

Abridge from the 2. English-language ed., rev.: 1964. New York, A. A. Knopf, 1964. 433 p. (Borzoi books on Latin America, LA-?)

London, Werdenfeld & Nicholson, 1947. Edição pirata.

London, Secker & Warburg, 1971. Trata-se da 2. ed. norte-americana, reunida com *The mansions and the shanties* e *Order and Progress* num estojo anunciado sob o título *History of Brazil.*

EDIÇÕES FRANCESAS

Maîtres et esclaves. Trad. du portugais par Roger Bastide. Préf. de Lucien Febvre. Paris, Gallimard, 1952. 550 p. (La Croix du Sud, collection dirigée par Roger Caillois, 4)

2. éd. Paris, Gallimard, 1952. 550 p. (La Croix du Sud, collection dirigée par Roger Caillois, 4)

Nouvelle édition. Paris, Gallimard, 1974, 550 p. + 3 f. (Bibliothèques des Histoires)

Nouvelle édition. Paris, Gallimard, 1978. 550 p. (Collection TEL, 34)

EDIÇÕES PORTUGUESAS

Casa-grande & senzala; formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Lisboa, Livros do Brasil, 1957. 525 p. (Col. Livros do Brasil, 32)

2. ed. Lisboa, Livros do Brasil, 1975. 525 p. (Col. Livros do Brasil, 32). Reprodução integral da edição anterior.

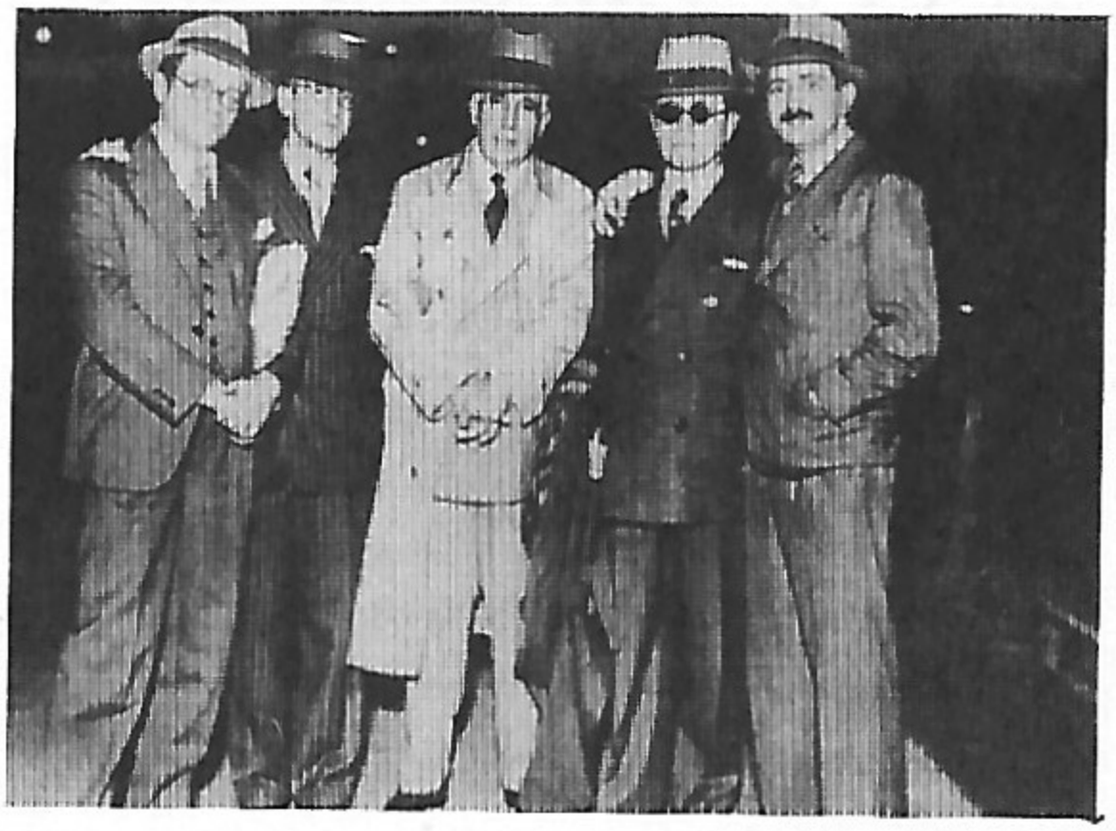
EDIÇÕES ALEMÃS

Herrenhaus und Sklavenhütte: Ein Bild der Brasilianischen Gesellschaft Aus dem Portugiesischen von Ludwig fon Schönfeldt. Gilberto Freyre — Versuch einer Einführung in sein Werk, von Hermann Matthias Görgen. Koln und Berlin, Kiepenheuer & Witsch, 1955. 580 p.

2. Aufl. Stuttgart, Klett-Cotta, 1982. 491 p. (ISBN 5-12-932450-X

EDIÇÃO ITALIANA

Padroni e schiavi; la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale. Introduzine di Fernand Braudel. Trad. di Alberto Pescetto. Torino, G. Einaudi, 1965. xv + 544 p. (Nuova biblioteca scientifica Einaudi, 7)



Escritores e amigos

97 — **José Lins do Rego, Otávio Tarquínio de Souza, Paulo Prado, José Américo de Almeida e Gilberto Freyr** (da esquerda para a direita).

98 — **Gilberto Freyre, Olívio Montenegro, L. Soares, José Olympio, Medeiros Lima e Amílcar Dutra Menezes** (da esquerda para a direita).

99 — **Gilberto Freyre, Anísio Teixeira e Jorge Amado,** na casa deste em Salvador

100 — **Frank Tannenbaum e Gilberto Freyre** na Universidade de Colúmbia.

101 — **Sentados: José Olympio e Gilberto Freyre;** de pé: **Gastão Cruls e Francisco de Assis Barbosa** (da esquerd para a direita)

102 — **Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre e José Olympio.**



103 — Eduardo Portela, Madalena Freyre, Gilberto Freyre e José Olympio.

Álguns Prêmios e Condecorações

104 — Prêmio Aspen, do Instituto Aspen, EUA, 1967



105 — Gilberto Freyre fotografado por Berko, em 1967, por ocasião do recebimento do Prêmio Aspen

106 — Grã-Cruz da Ordem de Cristo, Portugal, 1968.

107 — Prêmio Internacional La Madonnina, Itália, 1969.

108 — Sir — "Cavaleiro Comandante do Império Britânico", distinção conferida pela Rainha da Inglaterra, 1971.

109 — Medalha de Ouro José Vasconcelos, Frente de Afirmación Hispanista, México 1974.

110 — Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco, Brasil, 1976.

111 — Grã-Cruz da República Federal Alemã, Alemanha, 1978.

112 — Grã-Cruz da Ordem Alfonso El Sabio, conferida pelo Rei da Espanha, 1980.

Adaptações, Paráfrases

113 — Casa-Grande & Senzala em quadrinhos.
Desenhos e Capa de Ivan Wasth Rodrigues. Quadrinização de Estêvão Pinto, Rio de Janeiro, Ed. Brasil-América, 1981.

114 — Suíte Nordestina.
Música do compositor brasileiro Lourenço Barbosa, o Capiba, cujo 4o. movimento é inspirado em *Casa-Grande & Senzala.* Na dedicatória lê-se: "Ao grande sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, esta simples homenagem do Capiba".





115 — Leitura de texto da peça C G&S. de J. C. Cavalcanti Borges, apresentada no Teatro Santa Isabel, Recife, 1954.
a) J. C. Cavalcanti Borges — b) Penha Lopes
c) Não identificado — d) Leda Alves — e) Therezinha Gonçalves
f) Sebastião Ramalho — g) Iara Lins — h) Alderico Costa — i) Gilberto Freyre — j) Sebastião Vasconcellos — l) Léa Pabst.



116 — **Cartaz da peça Casa-Grande & Senzala,** apresentada no Teatro São Pedro, São Paulo, em 1980.

117 — **Manuscrito dedicado a Gilberto Freyre pelo poeta Carlos Drummond de Andrade.**

118 — **Senhor de engenho na rede.** Bico-de-pena de Poty, utilizado a partir da 16a. edição de C G&S.

119 — **Mel/Aço.** Extraído de Ó(DE)CASA (GRANDE & SENZALA), de Marcus Accioly, publicada em *Expressão literária em Gilberto Freyre,* Recife, 1981.

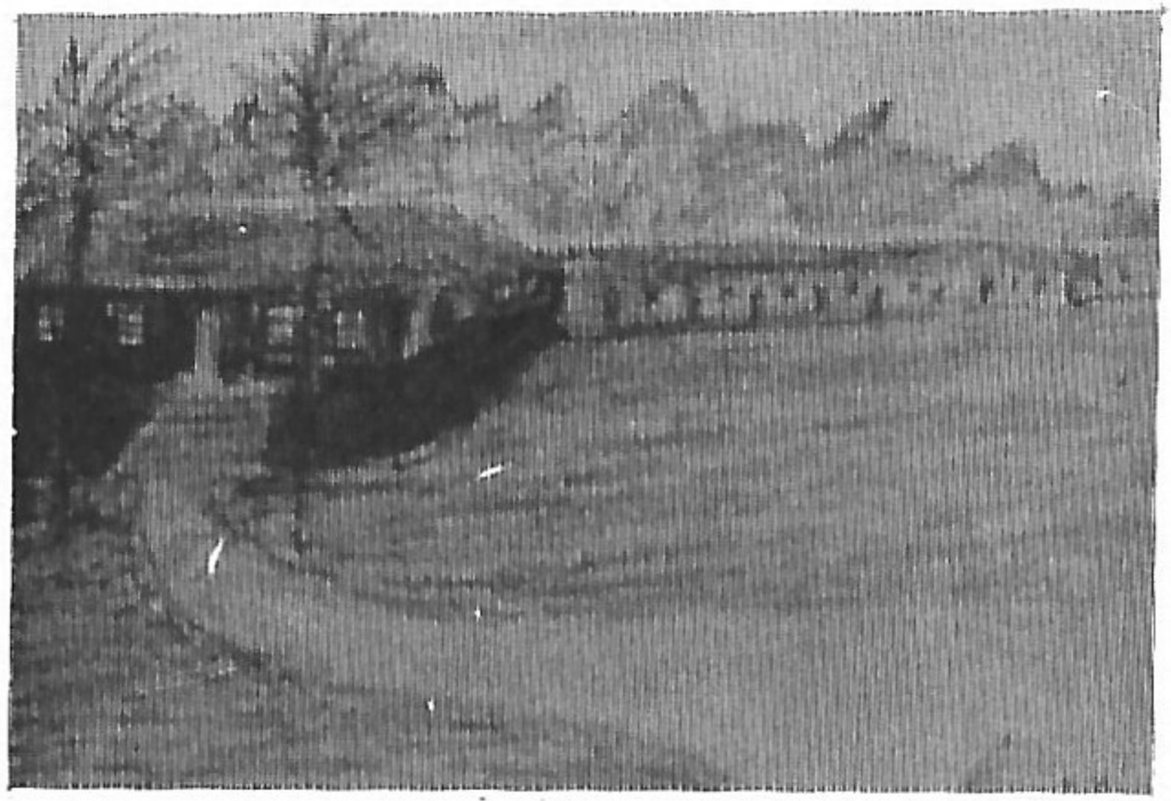
120 — **Casa-Grande & Senzala. João Cabral de Melo Neto em Museu de Tudo. Livraria José Olympio Editora, 1975.**

121 — **Hotel Casa-Grande & Senzala,** Boa Viagem, Recife.

122 — **Edifício Senzala,** Casa Forte, Recife.

123 — **Edifício Casa-Grande de Sant'Anna,** Casa Forte, Recife.

124 — **Casa-Grande & Senzala.** Poesia de Manuel Bandeira, em Mafuá do Malungo, Barcelona, O Livro Inconsútil, 1948.



125 — Casa-Grande & Senzala.
Lápis/papel, Gilberto Freyre.

126 — Gilberto Freyre no Solar de Santo Antônio de Apipucos. Recife, 1983.
"O LIVRO se amplia como fonte de história toda vez que ultrapassa os seus limites temáticos e ergue o seu próprio tempo — um tempo necessariamente transcronológico. Aí, mas do que paciente, ele é agente; em vez de objeto, ele se torna sujeito. Foi o que aconteceu com Casa-Grande & Senzala, a partir do momento em que ao escrever a história social de uma época, ele fez e refez a nossa história de sempre".
Eduardo Portela, em *O Livro e o Tempo,* prefácio à 20a. edição de C G&S.

4
Bibliocronologia

Antecedentes Remotos

1920 — Matriculado na Columbia University, Gilberto Freyre estuda antropologia com Franz Boas, aprendendo a "considerar fundamental a diferença entre *raça e cultura*" e a "discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio": distinção e discriminação nas quais "assenta todo o plano" de *CG&S*.

1922 — Gilberto Freyre apresenta à universidade, como requisito parcial para o grau de M. A., a dissertação "Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century", publicada no mesmo ano pela *Hispanic American Historical Review* (Durham, N. C.) v. 5, p. 597-630, Nov. 1922. O grande crítico Henry L. Mencken lê o trabalho e aconselha G. F. a o expandir em livro.

1925 — Gilberto Freyre publica no *Livro do Nordeste,* de que foi o organizador, o ensaio "Vida social no Nordeste: aspectos de um século de transição".

Tempo de Enformação

1930 — "Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete" *(CG&S* , prefácio à primeira edição). Começa em Lisboa a redação da obra.

1931 — Gilberto Freyre deixa Lisboa em abril, seguindo para a Califórnia, como professor visitante da Stanford University. Utiliza-se da brasiliana de John Casper Branner. Volta à Europa, demorando-se na Alemanha para novas pesquisas em museus antropológicos.

1932 — G. F. regressa ao Brasil, indo residir no Rio de Janeiro, onde continua redigindo a obra. Pesquisas em bibliotecas e arquivos. Volta ao Recife e se instala na casa de seu irmão Ulysses, onde já se encontrava sua biblioteca: Estrada do Encanamento no. 1163.

1933 — A obra é concluída no Recife e enviada ao editor Maia & Schmidt, que a publica em dezembro.

Consagração

1934 — Aparecem em jornais do Rio de Janeiro os primeiros artigos sobre a obra: de Yan de Almeida Prado, Roquette Pinto, João Ribeiro, Affonso Arinos de Mello Franco. Manuel Bandeira publica o poema "Casa-Grande & Senzala". Em Lisboa, o historiador Carlos Malheiros Dias publica uma antologia de *Pensadores Brasileiros,* com resumo da obra e comentários elogiosos. *CG&S* recebe o Prêmio Felippe d'Oliveira de 1934.

1935 — Artigo do filólogo Saul Borges Carneiro no *Boletim de Ariel.*

1936 — Aparece a segunda edição brasileira. Artigos de Octávio de Faria e Miguel Reale.

1937 — Comentários elogiosos de Percy Alvin Martin no *Handbook of Latin American Studies.* Artigos de Nuno Simões e dos padres Serafim Leite S. J. e J. Alves Correia, todos em Lisboa.

1938 — Aparece a terceira edição brasileira, à revelia do autor, que publica na *Revista do Brasil* de julho o artigo "A propósito de um livro em 3a. edição".

1941 — Gilberto Freyre recebe cartas do antropólogo Alfred Métraux, sugerindo a tradução de *CG&S* para o francês, e do filósofo Ortega y Gasset pedindo para editá-la na Espanha.

1942 — Primeira edição argentina.

1943 — Quarta edição brasileira (José Olympio) em 2 volumes. Segunda edição argentina (Emecé). Artigos de Francisco Ayala, Álvaro Lins, Roberto Alvim Corrêa, Edison Carneiro, Sérgio Milliet e Osmar Pimentel.

1946 — Aparece a quinta edição brasileira, subordinada ao título geral de *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil.* Primeira edição norte-americana. Recensão de Hubert Herring em *The York Times Book Review.*

1947 — Recensões de T. E. Downey em *Review of Politics* e de Donald Pierson na *American Sociological Review.* Edição inglesa à revelia do autor.

1950 — Sexta edição brasileira.

1952 — Sétima edição brasileira. Primeira edição francesa, com 6 reimpressões.

1953 — Artigos consagradores de Roland Barthes, André Rousseau, Charles Delane, Jean Pouillon.

1954 — Oitava edição brasileira. Artigos de Georges Balandier, Wilson Martins e M. Rodrigues de Melo. Em agosto, encenação do drama *Casa-Grande & Senzala,* de José Carlos Cavalcanti Borges (Teatro Santa Isabel do Recife).

1955 — Recensão de Emilio Willems na *Hispanic American Historical Review.*

1956 — Segunda edição norte-americana. Semana dedicada a Gilberto Freyre no castelo de Cerisy-la-Salle (Mancha), promovida pelo Foyer Culturel International de Cerisy, com a participação de professores da Sorbonne e intelectuais franceses.

1957 — Primeira edição portuguesa. Recensão de Walther Maas na *Revue de Psychologie des Peuples.*

1958 — Nona edição brasileira, como parte das *Obras Reunidas de Gilberto Freyre. Primeira Série.*

1959 — Discurso de Lourival Fontes no Senado Federal, saudando os vinte e cinco anos de *CG&S.*

1960 — Cinco notáveis artigos de Bernardo Gersen no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro.

1961 — Décima edição brasileira. O compositor Lourenço Barbosa (Capiba) dedica a *CG&S* o quarto movimento de sua *Suite Nordestina.*

1962 — Artigo de Jean Duvignaud nos *Cahiers Internationaux de Sociologie.* Publica-se no Rio de Janeiro (José Olympio), em comemoração aos vinte e cinco anos de *CG&S,* a obra coletiva *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte.* Em 4 de março, a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira desfila na Avenida Presidente Vargas com samba e alegorias inspirados em *CG&S.*

1963 — Décima segunda (sic) edição brasileira (Editora Universidade de Brasília). Exposição do colecionador Abelardo Rodrigues no Teatro Santa Isabel do Recife.

1964 — Décima primeira (sic) edição brasileira. Terceira edição norte-americana (abreviada e em *paper-back).* Artigos de Luis Delgado.

1965 — Primeira edição alemã, prefaciada pelo professor Hermann Matthias Gorgen. Edição italiana, prefaciada pelo historiador Fernand Braudel.

1966 — Décima terceira e décima quarta edições brasileiras (desta, popular, só o primeiro volume: cf. 1970). Artigos de C. Wilhelm e Richard Kaumann.

1967 — Recensões de Cecile Habler em *Die Christliche Frau* (Colônia), de C. H. em *Christ in der Gegenwart* (Friburgo) e Artur Bekker em *Die Furche.*

1968 — Aparece a obra de Gilberto Freyre *Como e porque sou e não sou sociólogo* (Editora Universidade de Brasília) com um capítulo intitulado "Como e porque escrevi *Casa-Grande & Senzala*".

1969 — Décima quinta edição brasileira

1970 — Segundo volume da décima quarta edição brasileira (popular: cf. 1966). O drama de José Carlos Cavalcanti Borges (cf. 1954) volta a ser encenado no Teatro Santa Isabel.

1971 — Edição inglesa à revelia do autor, reunindo *CG&S,* Sobrados e Mucambos e Ordem e Progresso *em estojo intitulado* History of Brazil.

1972 — Inaugura-se em novembro, na praia de Boa Viagem (Recife) o Hotel Casa-Grande & Senzala.

1973 — Décima sexta edição brasileira, comemorativa do Jubileu de Esmeralda e compactada em um volume. João Cabral de Mello Neto escreve o poema "Casa-Grande & Senzala Quarenta Anos".

1974 — Nova edição francesa, na coleção Bibliothèque des Histoires. A revista *Manchete* (Rio de Janeiro) publica em sua edição de 24 de agosto o artigo de Mauro Mota sobre "A gênese de Casa-Grande & Senzala", na série "As obras-primas que poucos leram".

1975 — Segunda edição portuguesa. Décima sétima edição brasileira.

1976 — Décima oitava edição brasileira.

1977 — Edição venezuelana (Biblioteca Ayacucho) prefaciada por Darcy Ribeiro. Com 5 guaches de Cícero Dias e texto de Gilberto Freyre, a Ranulpho Editora de Arte publica o álbum *Casas-Grandes & Senzalas.*

1978 — Décima nona edição brasileira. Publica-se em Paris o romance *Alba, le paint et le fouet,* de Jacques e François Gall, paráfrase (não confessada) de *CG&S.* Nova edição francesa na coleção TEL (volume 34). A revista *Senhor Vogue* (São Paulo) publica em maio artigo do sociólogo Fernando Henrique Cardoso sobre *CG&S,* na série de "Livros indispensáveis à compreensão do presente".

1979 — Publicação dos *Ensaios Insólitos,* de Darcy Ribeiro, incluindo a longa introdução à edição venezuelana de *CG&S.* Gilberto de Macedo publica *Casa-Grande & Senzala Obra Didática?,* com indicações para utilização de *CG&S* em cursos universitários interdisciplinares.

1980 — Vigésima edição brasileira, comemorativa do octogésimo aniversário do autor e prefaciada pelo escritor Eduardo Portela, então Ministro da Educação e Cultura.

1981 — Edição em quadrinhos, preparada por Estêvão Pinto, em ilustrações de Ivan Wasth Rodrigues. Vigésina primeira edição brasileira.

1982 — Segunda edição alemã. Entusiásticas recensões em *Schweizer Monatshefte* e Test.

1983 — De acordo com sugestão do escritor Nilo Pereira, aprovada pelo Conselho Diretor, a Fundação Joaquim Nabuco inicia uma série de eventos comemorativos do quinquagésimo aniversário da publicação de *CG&S.* Em 21 de março: dia internacional para eliminação da discriminação racial.

Edson Nery da Fonseca

5

Bibliografia

ACCIOLY, Marcus. "O (DE) CASA (GRANDE & SENZALA)". In: Pernambuco. Conselho Estadual de Cultura. *Expressão Literária em Gilberto Freyre,* Recife, 1981. p. 9-21.

AMADO, Gilberto et alii. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. 576 p.

AMADO, Jorge. "Casa-Grande & Senzala" e a revolução cultural. In: AMADO, Gilberto et alii. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. p. 30-36.

BARLAEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil.* Recife, Fundação de Cultura |Cidade do Recife, 1980. 409 p. Contém reprodução fac-similar da ed. brasileira, publicada pelo Ministério da Educação em 1940.

CIÊNCIA & TRÓPICO, Recife, Editora Massangana, 1981. v. 8. no. 1. 134 p. jan./jun. 1980

DEBRET, J. B. *Voyage Pittoresque et historique ou Brésil ou séjour d' un artiste français au Brésil depuis 1816, jusqu'en 1831, inclusivement, époques de l'avenement, et de l'abedication de S. M. D. Pedro I foundateur de l'Empire brésilien.* Rio de Janeiro, Distribuidora Record; New York, Continental News, 1965. 3 v.

FERREZ, Gilberto & NAEF, Weston J. *Pioneer Photographers of Brazil 1840-1920.* New York, The Center for Inter-American Relations, 1976. 142 p. il.

FONSECA, Edson Nery. *Um livro completa meio século.* Recife, Ed. Massangana. 1983. 160 p. il. Gráf. (Estudos e Pesquisas, 26)

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.* Ilust. de Tomás Santa Rosa, Poty e Cícero Dias. 21. ed. Rio de Janeiro; Brasília, José Olympio, 1981. 573 p.

———. *Manifesto Regionalista de 1926.* Recife, Edições Região, 1952. 78 p.

———. *Olinda, 2o. guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira.* Ilust.de M. Bandeira, 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968. 158 p.

———. *Ordem e Progresso;* processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e de monarquia para a república . 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. 2 v.

———. *Região e Tradição.* 2. ed., Rio de Janeiro, Graf. Record Editora, 1968. 261 p.

———. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.* 5 ed., Rio de Janeiro. José Olympio. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1977. 2. t. il. Inclui bibliografia.

———. Vida social no Nordeste, aspectos de um século de transição. In: LIVRO do Nordeste, comemorativo do primeiro centenário do Diario de Pernambuco, 1825-1925. Recife, Officinas do Diario de Pernambuco, 1925. p. 75-91.

LUKESCH, Anton. *Mito e vida dos índios Caiapós.* São Paulo Pioneira, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. 312 p. il.

MATHIAS, Herculano Gomes et alii. *História do Brasil.* Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1976. v. 1.

MELO NETO, João Cabral de. *Museu de Tudo.* Rio

de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975.

REGO, José Lins do. O próximo livro de Gilberto Freyre. *Boletim de Ariel,* Rio de Janeiro, 3 (2): 35, nov. 1933.

RIBEIRO, Darcy. *Ensaios Insólitos.* Porto Alegre, L & P.M. Editores, 1979. 266 p.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Índios do Brasil do Centro, Noroeste e Sul Mato-Grosso.* Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1946. v. 1. 366 p. il.

RUGENDAS, Maurice. *Malerische Reise in Bresilien,* Paris, Engelmann & Cia., 1935. 1a. pt. 50 p., 30 grav.; 2a. pt. 38 p., 20 grav.; 3a. pt. 56 p., 30 grav.; 4a. pt. 32 p., 20 grav.

SENGHOR, Léopold Ségar. *Lusitanidade e negritude.* Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa, Instituto de Altos Estudos, 1975. il. (Nova Série, Fascículo I) .

SOUSA LEÃO FILHO, Joaquim. *Frans Post.* São Paulo, Ed. Civilização Brasileira, 1948, 144p. il.

TEIXEIRA, Anísio. Gilberto Freyre, mestre e criador de sociologia. In: AMADO, Gilberto et alii. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. p. 488-495.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Lula Cardoso Ayres; revisão crítica e atualidade.* 2 ed., Rio de Janeiro, Spala Editora, 1979. 200 p. il.

CRÉDITOS DO ACERVO

1 — Coleção Cristiana Ramos de Carvalho
125

2 — Coleção Gilberto Freyre
7, 10, 11, 12, 38, 66, 68, 79, 81, 82, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 117.

3 — Coleção José Carlos Cavalcanti Borges
114, 115.

4 — Coleção José Olympio Editora.
— Reproduções fotográficas por Pedro Lobo
25, 43, 46, 97, 98, 101, 102, 103, 118.

5 — Fundação Joaquim Nabuco — FUNDAJ
1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 34, 35, 36, 37, 44, 64, 65, 67, 78, 86, 89, 93, 95, 96, 99, 100, 112, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126.

— Ilustrações de Tomás Santa Rosa para C-G&S., utilizadas a partir da 4a. edição.
23, 24, 40, 41, 42, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 73, 74, 84.

— Litogravuras de J. B. Debret em: *Voyage Pittoresque et historique ou Brésil ou séjour d'un artiste français au Brésil depuis 1816, jusqu'en 1831, inclusivement, époques de l'avenement, et de l'abedication de S. M. D. Pedro I foundateur de l'Empire brésilien.* New York, Continental News, 1965.
26, 27, 28, 39, 72, 75, 76, 77, 83, 85, 87, 90, 94.

— Litogravuras de Rugendas em: *Malerische Reise in Brasilien,* Paris, Engelmann & Cie, 1835.
19, 20, 21, 29, 30, 31, 32, 33, 69, 70, 71 80, 88, 91, 92.

1981-1990

Composto na Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, e impresso na Original Gráfica em maio de 1986, ano do centenário de nascimento de Manuel Bandeira e Mário Sette, sesquicentenário de nascimento de Carlos Gomes, Ano Internacional da Paz, dentro da Década Internacional da Água Potável e do Saneamento Ambiental.

DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SECRETARIA DA CULTURA